



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

O POLÍTICO TORNADO EM DERRISÃO NO GÊNERO
DISCURSIVO CHARGE

Gisele Freitas de Aguiar

São Carlos/SP

2009

GISELE FREITAS DE AGUIAR

**O POLÍTICO TORNADO EM DERRISÃO NO GÊNERO
DISCURSIVO CHARGE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de São Carlos – SP, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Área de concentração: Linguagem e Discurso
Orientador: Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas

São Carlos/SP

2009

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

A282pt

Aguiar, Gisele Freitas de.

O político tornado em derrisão no gênero discursivo charge / Gisele Freitas de Aguiar. -- São Carlos : UFSCar, 2010.

104 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2009.

1. Análise do discurso. 2. Charge. 3. Derrisão. 4. Discurso político. I. Título.

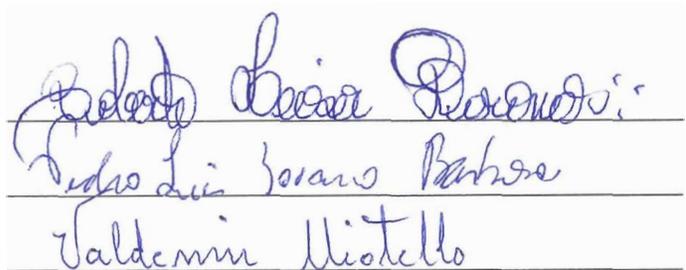
CDD: 401.41 (20ª)

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Roberto Leiser Baronas

Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa

Prof. Dr. Valdemir Miotello



Roberto Leiser Baronas
Pedro Luis Navarro Barbosa
Valdemir Miotello

DEDICATÓRIA

*Aos dois homens que mais me incentivaram e me apoiaram na execução deste trabalho: Roberto e Marlon, respectivamente no papel de orientador e de esposo, me apoiaram imensamente com muita paciência e compreensão para que eu pudesse chegar até aqui.
À minha família, por tudo que sou.*

AGRADECIMENTOS

São tantos que me auxiliaram para chegar aonde cheguei que fica até difícil saber por onde e por quem começar. Sendo assim, começo a agradecer a energia do Universo, que nos conecta e nos faz seres unos ao mesmo tempo. Esta energia que habita em mim, que alguns chamam de Deus. Tal energia foi encontrada em muitas pessoas que encontrei ao longo da minha trajetória. Começo a citar:

Papai e mamãe, responsáveis pela minha vida, pela minha formação, sou muito grata a vocês, amo-os!

Agradeço a vovó Florinda e vovô Baltazar (*in memoriam*) por todo o carinho e cuidados que tiveram comigo a vida toda. Serei grata sempre e sempre devedora, jamais conseguirei pagar tudo que fizeram por mim.

Um agradecimento muito especial às minhas tias e madrinhas Elaine e Floraci, por terem sido minhas ‘mãedrinhas’. Obrigada pela força que sempre me deram, pelos ensinamentos que me passaram.

Muito obrigada, Marlon, por tudo que compartilhamos juntos, por todo amor, carinho, compreensão, paciência e apoio. Amo você!

Sandra Mara, muito obrigada por todas as acolhidas, por todo apoio moral e, principalmente, por diversas vezes ter me colocado no meu devido lugar.

Cris, obrigada por ter compartilhado tantas angústias e alegrias diante das perspectivas que foram colocadas a nossa frente em uma terra desconhecida.

Kátia, minha eterna orientadora, obrigada pelo despertar acadêmico, serei eternamente grata.

Marta Franco, obrigada por cada momento terapêutico, tenha certeza que você acrescentou e acrescenta muito.

Agradeço muitíssimo a todos os amigos familiares e familiares amigos que estão sempre somando em minha vida. Cada um tem sua importância ímpar, mas fica registrada minha gratidão a todos sem mais especificações de motivos, visto que são praticamente inumeráveis. Assim, quero destacar meus agradecimentos aos meus irmãos Pedro e Fernando, as primas amigas Renata Aguiar, Fabiane Aguiar, Aline Aguiar e ao primo amigo Fábio Aguiar. Obrigada as minhas grandes amigas Elaine Moreira, Fabíola Resende, Sheila Cavalcanti, Amanda Rassi, Andréa Franco, Wilma da Silva, Edna Rodrigues, Rosirene Sartório, Lílian Carvalho e todas as demais companheiras do bloco 29 que tanto me socorreram em momentos difíceis de adaptação. Obrigada também aos amigos Daniel Mendes, Gabriel Rocha e Hélio Arantes.

Fernandinha, afilhada querida, obrigada por todas as alegrias que você proporciona à madrinha.

Obrigada aos familiares aderentes, em especial a minha sogra Clara Albino, pelas palavras de incentivo e ao meu sogro Ozorio Valgas (*in memoriam*). Obrigada também as minhas ‘cunhas’ Helida e Aline, por todas as ‘patifarias’ que nos fazem rir.

Obrigada a todos colegas mestrandos por compartilharem comigo tantos momentos agradáveis e até mesmo os momentos de desespero quando eu achava que era somente eu quem estava perdida.

Agradeço e ao mesmo tempo peço perdão a tantos outros que contribuíram nesta caminhada mas que não foram citados.

Muitíssimo obrigada aos Professores Doutores Pedro Navarro e Valdemir Miotello pelas importantes contribuições no exame de qualificação, pela atenção dedicada ao nosso trabalho.

Obrigada a todos os professores do PPGL, em especial Miotello, Vanice e Roberto.

Roberto, de tudo que tenho para te agradecer vou destacar aqui o meu agradecimento todo especial à sua paciência e compreensão. Ressalto também por tudo que me ensinou enquanto orientador e enquanto amigo. MUITO OBRIGADA!

*A esperança é um filho ainda não nascido, só
prometido, e isso machuca.*

Clarice Lispector

RESUMO

AGUIAR, G.F. O político tornado em derrisão no gênero discursivo charge.

Nesta pesquisa de mestrado, analisamos discursivamente como os políticos brasileiros são tornados em derrisão pela mídia impressa. Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de orientação francesa, trabalhamos mais especificamente com o gênero discursivo charge. Trata-se de charge veiculada pelo jornal *Folha de S. Paulo* durante os últimos três mandatos presidenciais (1998, 2002 e 2006) e que deram a circular imagens derrisórias do então presidente Fernando Henrique Cardoso e do atual presidente Luís Inácio Lula da Silva. Metodologicamente trabalhamos no batimento descrição/interpretação (Pêcheux, 1993), evidenciando como os acontecimentos históricos em que FHC e Lula eram protagonistas foram transformados pela mídia impressa em acontecimentos discursivos derrisórios. Trata-se de um trabalho relevante, visto que contribui por um lado para uma compreensão mais refinada do papel do gênero charge na nossa sociedade e das categorias analíticas derrisão e acontecimento discursivo.

Palavras-chave: Análise do Discurso, Humor, Derrisão, Político.

ABSTRACT

AGUIAR, G.F. The political made in derision on the discursive genre charge.

In this master's research, we analyze discursively as Brazilian political be made in derision in the print media. Based on theoretical and methodological assumptions of discourse analysis of French orientation, we work more specifically with the genre charge. This charge is conveyed by the newspaper *Folha de S. Paulo* during the last three presidential terms (1998, 2002 and 2006) and gave the circular images derisions the then president Fernando Henrique Cardoso and the actual president Luis Inácio Lula da Silva. Methodologically working in the beat description and interpretation (Pêcheux, 1993), showing how the historical events that FHC and Lula were protagonists and were transformed by the media print into events derision discursive. This is an important work because it contributes to a more refined understanding of the role of genre charge in our society.

Keywords: Discourse Analysis, Humor, Derision, Political

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1	
Da Lingüística à Análise do Discurso: caminhos e (des)caminhos	18
CAPÍTULO 2	
O suporte jornal e o gênero discursivo charge: alguns apontamentos.....	31
CAPÍTULO 3	
O humor e a derrisão no gênero charge: problematizações..	41
CAPÍTULO 4	
Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: o político na charge	72
Considerações finais.....	88
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	92
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	95

INTRODUÇÃO

“Uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente.”

Clarice Lispector

O humor tem um caráter inquietante. Ao mesmo tempo em que afirma, subverte. Junto com a alegria, o triunfo. Entender um pouco mais sobre a questão do humor sempre foi instigante para mim. Em quais condições surge o humor? Quais suas peculiaridades? O que faz com que criemos humor? E o riso? O humor tem mesmo conseqüências revolucionárias sociais inegáveis? Qual o funcionamento discursivo do humor? Em que gêneros ele se dá a circular? Em que medida o humor se constitui numa estratégia de desqualificação do evento que dá a circular? Cada uma dessas perguntas já seria suficiente para direcionar nosso trabalho, mas todas essas indagações nos levaram a pensar em um tipo específico do humor, qual seja, o humor derrisório.

Diante de tantos questionamentos e do interesse em estudar tais questões do humor com seriedade, definimos nosso questionamento de pesquisa e propomos ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística um estudo discursivo a respeito do político brasileiro. Desejamos, em nossa pesquisa¹, analisar a maneira pela qual o gênero charge

¹ Esta dissertação de mestrado faz parte do projeto de pesquisa Apontamentos para uma história de campanhas políticas presidenciais brasileiras (1998-2006): uma análise discursiva de textos multimodais cujo objetivo primeiro é analisar o modo como os mais diversos suportes midiáticos por meio de textos multimodais, que se dão a circular como menos opinativos, constroem uma escrita da história de campanhas presidenciais brasileiras bastante distinta da história oficial veiculada nos editoriais, nos artigos de opinião, nas análises políticas, por exemplo. Tais textos por seu caráter eminentemente humorístico, satírico dizem o que um artigo de opinião não poderia dizer. Elegemos como *corpus* de análise textos multimodais: fotografias derrisórias, fotomontagens, charges impressas, charges eletrônicas, caricaturas políticas e, textos sobre o anedotário político brasileiro, veiculados por jornais, sites e revistas brasileiras de grande circulação nacional. São analisados discursivamente no “entremisturar” descrição e interpretação textos multimodais publicados na Folha de S. Paulo; no Estado de S. Paulo; na Revista Veja, na Revista Época e no site Youtube durante os primeiros e segundos turnos das campanhas presidenciais brasileiras de 1998, 2002 e 2006. Este projeto é apoiado pelo CNPq.

subverte o acontecimento histórico em acontecimento discursivo derrisório. Ou seja, objetivamos compreender como o evento histórico é resignificado derrisoriamente pela charge.

Selecionamos estudar a charge justamente pelo fato de este texto ter uma materialidade multimodal que amalgama diferentes materialidades significantes na história, condensando vários sentidos e trabalhando humoristicamente fatos que fazem/fizeram parte de uma determinada realidade histórico-social. Na verdade, a constituição da charge tem como um de seus outros constitutivos os acontecimentos políticos da atualidade. Se, por um lado temos acontecimentos políticos noticiados nos jornais, por outro lado, temos a charge que apresenta também tais acontecimentos, só que resignificando-os por meio do humor derrisório. Não sabemos dizer se há uma divisão real entre o que é humor e o que é fato noticiado. Algumas vezes, o efeito de humor que a charge estabelece passa a ser entendido como algo que realmente está acontecendo. Neste sentido, o humor já deixou de ser apenas humor e já resignificou o acontecimento que deu a circular. Buscamos compreender um pouco mais a respeito do funcionamento derrisório da charge quando estas dão a ler eventos históricos centrados nas figuras dos atores políticos Fernando Henrique Cardoso e Luís Inácio Lula da Silva. Em outros termos, procuramos evidenciar as imagens que estas charges constroem dessas duas figuras públicas brasileiras. Escolhemos Lula pelo fato deste ser o atual presidente e, por conseguinte, um dos que mais sofrem com os efeitos derrisórios atuais e FHC pelo fato deste ter sido o antecessor de Lula e, portanto, o que mais é comparado ao então presidente.

Para nossa análise selecionamos como *corpus* empírico de pesquisa as charges impressas veiculadas no matutino *Folha de S. Paulo*, em um período que compreende o

governo de FHC e de Lula, ou seja, de 1998 a 2006. Como *corpus* paralelo, elencamos também charges publicadas no jornal *O Estado de S. Paulo*, algumas veiculadas no site www.charges.com.br e também algumas veiculadas no jornal boliviano *La Razon* e no jornal espanhol *El País*, que funcionarão como apoio para sustentar os apontamentos de nossa pesquisa.

Com base no material selecionado, buscamos compreender um pouco mais acerca das condições que possibilitaram a emergência e a legitimação de discursos derrisórios que dizem FHC e Lula nas charges dadas a circular na *Folha de S. Paulo*.

Para dar conta de nosso empreendimento, tomamos por base, predominantemente, os dispositivos teóricos e analíticos da Análise do Discurso de orientação francesa. Essa opção teórico-metodológica, no entanto, não nos interdita de buscarmos, também, sempre que os postulados discursivos não se apresentarem satisfatórios, isto é, não derem conta de descrever e explicar a questão em pauta, outras fontes teóricas que acreditamos contribuir com nosso estudo, tais como Michel Foucault, Mikhail Bakhtin, Dominique Maingueneau e Sírio Possenti.

Dividimos nosso trabalho em quatro capítulos. No primeiro capítulo, buscamos apresentar algumas teorias lingüísticas que irromperam no mercado teórico das Ciências da Linguagem cronologicamente antes da Análise do Discurso de orientação francesa. Neste capítulo, nosso objetivo é traçar um pequeno histórico, descrevendo as principais escolas e domínios das Ciências da Linguagem que emergiram e se legitimaram antes da Análise do Discurso. Tal empreendimento se justifica entre outras razões pelo fato de buscarmos uma compreensão um pouco mais refinada das diferenças metodológicas, ontológicas e epistemológicas das diversas escolas e domínios que compõem as Ciências da Linguagem. Mobilizamos alguns teóricos que julgamos terem dado uma

importante contribuição aos estudos da lingüística e, além disto, criaram condições sócio-históricas que possibilitaram a emergência da Análise do Discurso no cenário intelectual francês do final dos anos sessenta do século passado.

No capítulo dois, abordamos um pouco mais a questão dos gêneros discursivos. Embora partamos da compreensão de que são várias as escolas e os teóricos que se debruçam sobre a questão, nos apoiaremos especificamente nos estudos de Mikhail Bakhtin e de Dominique Maingueneau por acreditarmos que tais teóricos nos fazem pensar a questão do gênero não apenas na ordem do lingüístico ou do texto, mas principalmente na ordem do enunciável, isto é, eles se propõem a compreender as razões histórico-sociais pelas quais emerge um gênero e não outro numa dada conjuntura histórica. Acreditamos que essa discussão acerca do gênero se justifique, uma vez que o nosso objeto de estudo, a charge, no nosso entendimento, se constitui num gênero discursivo com características lingüísticas, estruturais e temáticas que lhe são próprias, distintas dos demais gêneros que atualmente circulam na nossa sociedade.

No terceiro capítulo, investigamos um pouco mais sobre a questão do que vem a ser o humor e a derrisão. Observamos algumas abordagens sobre os temas. Além disto, procuramos também demonstrar as diferenças e semelhanças discursivas entre o humor e a derrisão. Entendemos que somente o tema humor/derrisão já seria suficiente para ser objeto de uma dissertação, mas aqui, em nosso trabalho, problematizamos humor e derrisão com o intuito de verificar o seu funcionamento discursivo no gênero charge e o que os distingue de um ponto de vista discursivo.

No quarto e último capítulo, mobilizamos a categoria analítica de acontecimento discursivo (Pêcheux, 1993) com o objetivo de evidenciar que as charges mantêm com os acontecimentos históricos não apenas uma relação dialógica, intertextual, mas,

sobretudo uma relação interdiscursiva e que esta interdiscursividade se dá na dimensão da interdiscursividade cultural.

Nas considerações finais retomamos as principais conclusões de cada capítulo e realizamos uma espécie de síntese sobre o nosso objeto de estudo.

Acreditamos que essa pesquisa seja relevante tanto do ponto de vista social quanto do ponto de vista teórico. Do mirante social é relevante, pois contribui para uma compreensão mais refinada do papel do gênero charge na nossa sociedade e do mirante teórico é relevante, visto que traz alguma luz menos opaca para a compreensão do funcionamento discursivo da relação entre charge, discurso político, derrisão e acontecimento discursivo.

CAPÍTULO 1

Da Lingüística à Análise do Discurso: caminhos e (des)caminhos

Muito antes de sentir "arte", senti a beleza profunda da luta. Mas é que tenho um modo simplório de me aproximar do fato social: eu queria era "fazer" alguma coisa, como se escrever não fosse fazer. O que não consigo é usar escrever para isso, por mais que a incapacidade me doa e me humilhe. O problema de justiça é em mim um sentimento tão óbvio e tão básico que não consigo me surpreender com ele – e, sem me surpreender, não consigo escrever. E também porque para mim escrever é procurar.”

Clarice Lispector

Neste capítulo inicial, apresentamos brevemente as teorias lingüísticas saussuriana, bakhtiniana e benvenistiana com o intuito de introduzir um pouco dos estudos da linguagem que propiciaram o solo umidificado para o surgimento da Análise do Discurso de orientação francesa para, em seguida, narrar como se deu a escrita da história desta teoria da linguagem. Esboçaremos, primeiramente, algumas considerações a respeito da concepção saussuriana, pois entendemos que foi Ferdinand Saussure, em seu *Curso de Lingüística Geral* (1916), que possibilitou a ‘entrada’² de diversos outros estudos em ciências da linguagem até chegarmos aos estudos do discurso que nos apoiamos teoricamente. Entre os três teóricos citados, identificamos diferenças, mas sobretudo, intersecções em suas respectivas teorias. Cada qual inserido em um contexto histórico-social, colabora com as teorias lingüísticas que vão dar subsídios à Análise do Discurso, que surge em meio às idéias triunfantes do estruturalismo. 1929 é o ano de

² Recentes trabalhos do pesquisador Simon Bouquet (2004a; 2004b e2009) têm tentado compreender as razões pelas quais o *Curso de Lingüística Geral*, mesmo não sendo de autoria de Ferdinand Saussure e mesmo apresentando inúmeros problemas em relação ao pensamento original saussuriano se constituiu na obra que fundou a lingüística enquanto ciência da linguagem e também diversas outras ciências humanas.

publicação de *Marxismo e Filosofia da Linguagem* de M. Bakhtin e, E. Benveniste escreve *Problemas de Lingüística Geral I* em 1966 e *Problemas de Lingüística Geral II* em 1974. Podemos perceber que há um espaço temporal entre as referidas obras, no entanto, ao lê-las, podemos perceber referências ao CLG atribuído à obra de F. Saussure. Tal fato nos mostra que há, nas distintas concepções teóricas, um diálogo nem sempre muito cordial com o livro dos ex-alunos do mestre genebrino. A *Análise do Discurso*, que é a teoria que norteia nosso trabalho, também é fruto de idéias antecessoras contidas na corrente estruturalista saussuriana dada a circular pelo CLG. Entre os postulados defendidos por Saussure por meio de seus ex-alunos no CLG está a idéia de signo. Bally e outros colocam que, para Saussure, o signo é a união entre conceito e imagem acústica. Respectivamente, denominados significado e significante. “O Signo lingüístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica.” (Saussure, CLG, p.80)

A língua para Saussure no CLG é um sistema de valor puro entre idéias e sons. O valor que o CLG estabelece se constitui num sistema de equivalências entre coisas diferentes. Isto é, um significado e um significante. Os valores são inteiramente relativos, por isso, idéia e som são radicalmente arbitrários.

A coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja. Além disso, a idéia de valor, assim determinada, nos mostra que é uma grande ilusão considerar um termo simplesmente como a união de certo som com um certo conceito. Defini-lo assim seria isolá-lo do sistema do qual faz parte; seria acreditar que é possível começar pelos termos e construir o sistema fazendo a soma deles, quando, pelo contrário, cumpre partir da totalidade solidária para obter, por análise, os elementos que encerra. Para desenvolver esta tese, colocar-nos-emos sucessivamente no ponto de vista do significado ou conceito do significante (SAUSSURE, CLG, p. 132)

Para o Saussure descrito por seus alunos no CLG, não existe correspondência exata dos valores de uma língua e outra. A característica exata do valor é ser o que os outros não são. Algo existe porque está em oposição a outra coisa numa cadeia sintagmática.

Trazendo as concepções saussurianas do CLG para nosso objeto de estudo, podemos nos indagar, por exemplo, os valores que são colocados em jogo quando o político é resignificado derrisoriamente por meio das charges. A aplicação da teoria do valor estabelecida pelos ex-alunos de Saussure não será o ‘fio condutor’ de nosso trabalho. Apresentamos este exemplo aqui, e também em uma pequena parte de nossa análise, apenas no intuito de pretender mostrar que a teoria atribuída a Saussure no CLG fez parte do solo epistemológico da Análise do Discurso de orientação francesa.

O CLG atribuído a Saussure tratou o signo trabalhando com as idéias do *valor*, que não poderia ser atribuído pelo indivíduo. Bakhtin trabalha o signo trazendo-nos a questão da *ideologia*. Para este teórico, tudo que é ideológico é um signo e, sem signos, não existe ideologia (1995). Ao tratar a questão dos signos Bakhtin estabelece que

os signos também são objetos naturais, específicos, e, como vimos, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreende-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. *Tudo que é ideológico possui um valor semiótico* (BAKHTIN, 1995, p.32).

Uma das idéias Bakhtinianas que podemos relacionar com a noção de valor de Saussure é a concepção de que “compreender um signo consiste em aproximar o signo

apreendido de outros signos já conhecidos; em outros termos, a compreensão é uma resposta a um signo por meio de signos.” (Bakhtin, 1995, p.34).

Enquanto o Saussure do CLG tem como objeto de estudo lingüístico a língua enquanto sistema e, nesse processo, *o indivíduo é incapaz de fixar qualquer valor*, Bakhtin afirma que “os signos só emergem, decididamente, do processo de interação entre *uma consciência individual e outra.*” (Bakhtin, 1995, p.34). No entanto, o que Bakhtin chama de individual não descarta a formação social. Para ele, “*todo signo, inclusive o da individualidade, é social*” (BAKHTIN, 1995, p. 59).

Quando Bakhtin aborda a questão do subjetivismo idealista e do objetivismo abstrato, entra em questão a grande diferença com as idéias de Saussure do CLG, pois, Bakhtin preocupou-se com os estudos da língua em uso, isto é, a fala. Bakhtin coloca que o subjetivismo idealista

interessa-se pelo ato de fala, de criação individual, como fundamento da língua (no sentido de toda atividade de linguagem sem exceção). O psiquismo individual constitui a fonte da língua. As leis da criação lingüística – sendo a língua uma evolução ininterrupta, uma criação contínua – são as leis da psicologia individual, e são elas que devem ser estudadas pelo lingüista e pelo filósofo da linguagem. Esclarecer o fenômeno lingüístico significa reduzi-lo a um ato significativo (por vezes mesmo racional) de criação individual. O restante da tarefa do lingüista não tem senão um caráter preliminar, construtivo, descritivo, classificatório, e limita-se simplesmente a preparar a explicação exhaustiva do fato lingüístico como proveniente de um ato de criação individual, ou então a servir a finalidades práticas de aquisição de uma língua dada. A língua é, deste ponto de vista, análoga às outras manifestações ideológicas, em particular às do domínio da arte e da estética (BAKHTIN, 1995, p. 72) .

Sintetizando as posições as quais julga fundamentais no subjetivismo idealista, Bakhtin coloca que, para tal tendência

a língua, enquanto produto acabado (“*ergon*”), enquanto sistema estável (léxico, gramática, fonética), apresenta-se como um depósito inerte, tal como a lava fria da criação lingüística, abstratamente construída pelos lingüistas com vistas à sua aquisição prática como instrumento pronto para ser usado (BAKHTIN, 1995, p. 73) .

No comentário bakhtiniano, podemos notar uma forte crítica ao objetivismo abstrato do Saussure do CLG, que concebe a língua enquanto sistema não reiterável.

Bakhtin considera que no objetivismo abstrato

cada enunciação, cada ato de criação individual é único e não reiterável, mas em cada enunciação encontram-se elementos idênticos aos de outras enunciações no seio de um determinado grupo de locutores. São justamente estes traços *idênticos*, que são assim normativos para todas as enunciações – traços fonéticos, gramaticais e lexicais -, que garantem a unicidade de uma dada língua e sua compreensão por todos os locutores de uma mesma comunidade. (BAKHTIN, 1995, p.77).

Quanto ao aspecto único da enunciação do objetivismo abstrato, Bakhtin chega a dizer que tais particularidades não são essenciais do ponto de vista da língua, mas a *identidade normativa* é essencial. (BAKHTIN, 1995, p. 78)

Bakhtin (1995) faz diversas demonstrações do que vem a ser o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato para depois tecer suas críticas. Há um questionamento do filósofo russo que sintetiza todo seu pensamento a respeito das duas correntes. Ele afirma que a língua tem sua história. “*Como podemos pensar na história da língua dentro do objetivismo abstrato?*” (BAKHTIN, 1995, p. 79) (grifos nossos).

Apesar de criticar bastante a segunda orientação do pensamento filosófico-lingüístico, Bakhtin considera que “a chamada escola de Genebra, com Ferdinand de Saussure, mostra-se como a mais brilhante expressão do objetivismo abstrato em nosso tempo. (...) Saussure deu a todas as idéias da segunda orientação uma clareza e uma precisão admiráveis.” (BAKHTIN, 1995, p.84)

Ao buscarmos contrapor as idéias de Bakhtin e de Saussure do CLG³, podemos notar que, cada um, a seu modo, considerou o caráter social da língua. No entanto, as

³ Embora não faça parte do escopo deste trabalho, convém sublinhar que as críticas feitas por Bakhtin e endereçadas a Saussure devem ser totalmente reformuladas quando se considera, por exemplo, os manuscritos originais de Saussure. Nos manuscritos, por exemplo, Saussure enfatiza o caráter

observações de Saussure voltavam-se para o sistema lingüístico, enquanto que Bakhtin abordou, entre outros aspectos, a questão da enunciação. Para Bakhtin,

“(…) toda enunciação, por mais insignificante que seja, renova-se sem cessar essa síntese dialética viva entre o psíquico e o ideológico, entre a vida interior e a vida exterior. Em todo ato de fala, a atividade mental subjetiva se dissolve no fato objetivo da enunciação realizada, enquanto que a palavra enunciada se subjetiva no ato de descodificação que deve, cedo ou tarde, provocar uma codificação em forma de réplica. Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais. É assim que o psiquismo e a ideologia se impregnam mutuamente no processo único e objetivo das relações sociais.” (BAKHTIN, 1995, p. 66)

Como podemos notar, Bakhtin entende a palavra, a enunciação como constituintes da relação entre o “Eu” e o “Outro” nas relações sociais. Sendo que o individual já é também constituído pelo social.

Benveniste (1995) nos deixou importantes contribuições a respeito da enunciação. O teórico também dialogou polemicamente com Saussure do CLG⁴ acerca da questão das idéias de valor. Para ele,

quanto mais nos adiantarmos, mais sentiremos esse contraste entre a unicidade como categoria da nossa percepção dos objetos e a dualidade cujo modelo a linguagem impõe à nossa reflexão. Quanto mais penetrarmos no mecanismo da significação, melhor veremos que as coisas não significam em razão do seu *serem-isso* substancial, mas em virtude de traços formais que as distinguem das outras coisas da mesma classe e que nos cumpre destacar. (BENVENISTE, 1995, p. 45)

Com relação à idéia de valor exposta pelos ex-alunos do mestre genebrino, identificamos a colocação de Benveniste como argumento a favor da proposta saussuriana. No entanto, quando aborda a questão da forma lingüística, Benveniste

indissociável do par língua/linguagem. Somente essa afirmação saussuriana se constitui num dos motes para uma boa revisão do pensamento bakhtiniano.

⁴ Ver artigo de Simon Bouquet a este respeito “De um pseudo Saussure aos manuscritos saussurianos originais”. Trad. Roberto Leiser Baronas & Vanice Maria de Oliveira Sargentini, 2008 (mimeo).

considera que há diferenças entre a forma lingüística, isto é, o “conjunto de regras que fixa as condições sintáticas” e o emprego da língua. Benveniste considera que “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. (BENVENISTE, 1989, p. 82).

Para Benveniste (1995), a enunciação é o processo de *apropriação* que o indivíduo faz da língua, isto é, é o ato que coloca a língua em funcionamento. Para o teórico, a relação do locutor com a língua determina os caracteres lingüísticos da enunciação. Nesse sentido, Benveniste considera que

a linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*. (BENVENISTE, 1995, p. 286)

O sujeito está presente em seu ato de fala a partir das marcas ou formas específicas que constituem índices de pessoa produzidos na e pela enunciação. Maingueneau com base no mirante discursivo entende que

toda enunciação, mesmo produzida sem a presença de um destinatário, é, de fato, marcada por uma *interatividade* constitutiva (fala-se também de *dialogismo*), é uma troca, explícita ou implícita, com outros enunciadores, virtuais ou reais, e supõe sempre a presença de uma outra instância de enunciação à qual se dirige o enunciador e com relação à qual constrói seu próprio discurso. (MAINGUENEAU, 2001, p.54)

Por meio das brevíssimas leituras que fizemos dos textos de Saussure do CLG, Bakhtin e Benveniste pudemos notar que tais teóricos, em épocas diferentes, puderam dialogar e repensar as teorias propostas por seus antecessores. Nesse trajeto de retomadas e (dis)concordâncias, as teorias benvenistianas sofreram algumas críticas da teoria do discurso, que possuem uma concepção de sujeito um tanto quanto distinta. Com relação a isto, Pêcheux e Fuchs consideram que

a dificuldade atual das teorias da enunciação reside no fato de que estas teorias refletem na maioria das vezes a ilusão necessária construtora do sujeito, isto é, que elas se contentam em reproduzir no nível teórico esta *ilusão do sujeito*, através da idéia de um sujeito enunciador portador de escolha, intenções, decisões etc. (PÊCHEUX; FUCHS, 1993, p.175)

Não adotaremos a concepção de linguagem proposta por Benveniste, uma vez que ela estabelece um sujeito tratado em sua individualidade e a-historicidade como *fonte dos sentidos*. Ao tratarmos do sujeito político que é tornado em derrisão, o compreendemos como um sujeito inscrito na história de modo heterogêneo e disperso. O sujeito, tratado derrisoriamente, está sendo resignificado mediante um sujeito chargista e/ou leitor de acontecimentos. Por intermédio da ocorrência (ou não) de fatos, o alvo da derrisão será interpretado e reinterpretado pelo chargista a partir do lugar sócio ideológico do veículo no qual se inscreve e, posteriormente, pelo leitor do jornal, que o resignificará novamente.

A Análise do Discurso surgiu em meio às idéias do Estruturalismo Europeu. Michel Pêcheux, com sua *Análise Automática do Discurso*, parte dos princípios estruturalistas para compreender o discurso, mas não eram somente esses princípios, já se pensava na dimensão sócio-histórica. Desde *Análise Automática do Discurso*, já podemos notar uma “brecha” para a noção do interdiscurso. Isso pode ser constatado por meio dos conceitos de pré-construído e discurso transversal. Pêcheux (1991, p.99) cita P. Henry, quando propôs o termo “pré-construído” para designar uma construção anterior, exterior, mas sempre independente, em oposição ao que é “construído” pelo enunciado. A noção de pré-construído está ligada à “articulação de asserções, que se apóia sobre o que chamamos de “processo de sustentação””.

Maldidier (2003) acerca da questão do pré-construído assevera o seguinte:

a questão do pré-construído vai constituir um ponto decisivo da teoria do discurso. Ela se articulará sobre a formulação de um conceito, ainda ausente, mas que postulava já o texto de 1969: o conceito de “interdiscurso”. O pré-construído fornece a ancoragem lingüística da tomada do interdiscurso. (MALDIDIER, 2003, p.34.)

Pêcheux (1991) relaciona as concepções relativas ao pré-construído às idéias que dizem respeito ao conceito de interdiscurso. Para Pêcheux,

o próprio de toda formação discursiva é dissimular, na transparência do sentido que nela se forma, a objetividade material contraditória do interdiscurso, que determina essa formação discursiva como tal, objetividade material essa que reside no fato de que “algo fala” (*ça parle*) sempre “antes, em outro lugar e independentemente”, isto é, sob a dominação do complexo das formações ideológicas. Descobrimos, assim, que os dois tipos de discrepância, respectivamente, o efeito de *encadeamento do pré-construído* e o efeito que chamamos *articulação* – que consideramos, de início, como leis psico-lógicas do pensamento – são, na realidade, determinados materialmente na própria estrutura do interdiscurso. (PÊCHEUX, 1991 p.162).

A Análise de Discurso situa sua reflexão sobre a Lingüística e a Teoria do Discurso, valendo-se da articulação de três regiões do conhecimento: o materialismo histórico, com base na releitura que Louis Althusser faz de *O Capital*, de Karl Marx; a Lingüística, como teoria dos mecanismos sintáticos dos processos de enunciação; e a Teoria do Discurso, como teoria da determinação histórica dos processos semânticos. Essas teorias são atravessadas por uma teoria psicanalítica da subjetividade ou, mais precisamente, pela releitura que Jacques Lacan faz dos textos de Sigmund Freud. Diferentemente de outras perspectivas que também se debruçam sobre a compreensão da língua e da linguagem, a Análise de Discurso defende a tese de que a linguagem possui uma relação com a exterioridade, essa entendida não como algo fora da linguagem (a situação ou o contexto), mas como condições de produção do discurso que irrompem na materialidade lingüística como interdiscurso, isto é, como um “já dito” que condiciona não só o dito, mas o que ainda vai ser dito. Com base nessa relação da

linguagem com a exterioridade, com o interdiscurso, a Análise de Discurso problematiza alguns domínios da Lingüística que concebem a linguagem ora como expressão do pensamento, ora como instrumento de comunicação, uma vez que de um ponto de vista discursivo a linguagem é concebida como um trabalho no nível do simbólico que possui uma estreita relação com a prática política. Ou seja, para Pêcheux (1966, p.152), “o instrumento da prática política é o discurso, ou mais precisamente, que a prática política tem como função, pelo discurso, transformar as relações sociais reformulando a demanda social”. Para a Análise de Discurso, o sujeito é atravessado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, o que não produz mais a compreensão de um sujeito uno ou do cogito como em algumas teorias da enunciação, mas um sujeito cindido, clivado, descentrado, que não se constitui na fonte e origem dos processos discursivos que enuncia. Esse sujeito, no entanto, tem a ilusão de ser a fonte e origem do seu discurso (ilusão-esquecimento n.1) e de ser o mestre absoluto do seu dizer (ilusão-esquecimento n.2).

Esses dois esquecimentos propostos pelo filósofo francês Michel Pêcheux apontam para o fato de que, na constituição do sujeito do discurso, intervêm dois aspectos: primeiro, o sujeito é social, interpelado pela ideologia, porém se acredita livre, individual, e segundo, o sujeito é dotado de inconsciente, contudo acredita estar o tempo todo consciente. Afetado por esses esquecimentos e assim constituído, o sujeito produz o seu discurso. Ademais, do mirante da Análise de Discurso o sujeito constitui-se numa posição limite entre o que é de dimensão enunciativa e o que é de dimensão do inconsciente, sem se limitar a nenhum dos dois aspectos, pois é nesse lugar que se inclui o que é de dimensão ideológica. Desse modo, o sujeito do discurso é uma forma-sujeito, ou seja, uma forma pela qual, segundo Pêcheux

o 'sujeito do discurso' se identifica com a formação discursiva que o constitui tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, isto é, *ela simula o interdiscurso no intradiscurso*, de modo que o interdiscurso *aparece* como o puro 'já-dito' do intra-discurso, no qual ele se articula por 'co-referência'. Parece-nos, nessas condições, que se pode caracterizar a forma-sujeito como realizando a incorporação-dissimulação dos elementos do interdiscurso: a unidade (imaginária) do sujeito, sua identidade presente-passada-futura encontra aqui *um de seus fundamentos*. (PÊCHEUX, 1991, p. 167).

Malidier explicando a relação do sujeito discursivo com a teoria dos esquecimentos aponta que

no "esquecimento número 1" o sujeito "esquece", ou em outras palavras, recalca que o sentido se forma em um processo que lhe é exterior: a zona do esquecimento número 1 é, por definição, inacessível ao sujeito. O "esquecimento número 2" designa a zona em que o sujeito enunciadador se move, em eu ele constitui seu enunciado, colocando as fronteiras entre o "dito" e o rejeitado, o "não-dito". Enquanto o segundo esquecimento remete aos mecanismos enunciativos analisáveis na superfície do discurso, o primeiro deve ser posto em relação com as famílias parafrásticas constitutivas dos efeitos de sentido. Mas seria necessário não se deixar levar pela aparente simetria entre os dois esquecimentos: a dominância do primeiro dá conta da "condição de existência (não-subjetiva)". (MALDIDIER, 2003, p.42)

Assim, enquanto algumas teorias da enunciação se constituem em teorias subjetivas da linguagem, a Análise de Discurso se constitui numa teoria não-subjetiva que concebe o sujeito não como o centro do discurso, porém como um sujeito cindido, interpelado pela ideologia, dotado de inconsciente e sem total liberdade discursiva. Ou seja, ao produzir o seu discurso o sujeito sofre uma tripla determinação: a da língua, a da ideologia e a do inconsciente. Desse modo, para a Análise de Discurso, não é possível pensar na transparência dos sentidos, ou que o sentido de um texto existe em si mesmo, visto que os sentidos são condicionados pelas posições ideológicas nas quais o sujeito produz o seu discurso. Com efeito, sob uma base invariante de língua são

produzidos diversos processos discursivos: logo, enuncia-se de diferentes posições a partir de um mesmo sistema lingüístico.

Contudo, com o advento das novas tecnologias de comunicação de massa, esse dispositivo teórico-metodológico, que fora pensado para o discurso político escrito, não previa análise das mensagens mistas ou dos textos multimodais. É preciso então recorrer a um dispositivo teórico-metodológico que compreenda os novos regimes de materialidades que intervêm na produção dos discursos atualmente. Nesse sentido, acreditamos que as contribuições de Dominique Maingueneau à teoria do discurso sejam extremamente pertinentes. Referimos-nos aqui aos conceitos de polêmica como interincompreensão e prática intersemiótica, presentes na obra “*Gênese dos discursos*”. Tais conceitos foram pensados para dar conta do funcionamento discursivo dos discursos devotos dos jansenistas e dos humanistas devotos, correntes religiosas que se digladiaram discursivamente na França nos séculos XVII e XVIII. Entretanto, como diz Possenti na apresentação da obra *Gênese dos Discursos*: “as idéias de Maingueneau se constituem num “roteiro de trabalho” que adquire traços de uma metodologia que pode ser seguida em pesquisas sobre outros *corpora*” (Possenti, 2005, p. 8).

Acreditamos que a representação derrisória de Lula e FHC presente nas charges impressas, nosso corpus de referência, por um lado, é produzida justamente por um processo interincompreensão regrada. Ou seja, o sujeito enunciador (o jornal) a partir da formação discursiva na qual está inscrito introduz o seu Outro (Lula e FHC) com base nas categorias do mesmo, isto é, baseando-se nas restrições semânticas da sua formação discursiva, o enunciador constrói uma imagem na forma de simulacro de seu Outro. Assim, estabelece-se uma relação discursiva que poderá ser em forma de uma imagem deturpada do Outro. E, por outro, transforma o acontecimento histórico em

acontecimento discursivo, de modo a transformar esse último num outro acontecimento histórico, bastante distinto do primeiro.

A charge por se constituir numa amálgama entre o domínio semiótico visual e o verbal pode ser pensada como uma prática intersemiótica. No interior de uma formação ideológica, as restrições semânticas que regram a formação discursiva do domínio semiótico verbal, restringem também o domínio semiótico visual. Ou seja, na charge, a representação derrisória do político brasileiro será construída tanto no domínio semiótico visual quanto no domínio semiótico verbal.

Conforme enunciamos, nosso objetivo inicialmente neste capítulo foi o de mostrar panoramicamente como algumas das correntes dos estudos lingüísticos se constituíram historicamente e, num segundo momento, falar um pouco mais detidamente sobre os pressupostos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de orientação francesa, teoria que nos embasa epistemologicamente.

CAPÍTULO 2

O suporte jornal e o gênero discursivo charge: alguns apontamentos

“Escrevo neste instante com algum prévio pudor por vos estar invadindo com tal narrativa tão exterior e explícita. De onde no entanto até sangue arfante de tão vivo de vida poderá quem sabe escorrer e logo se coagular em cubos de geléia trêmula. Será essa história um dia o meu coágulo? Que sei eu. Se há veracidade nela – e é claro que a história é verdadeira embora inventada –, que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial.”

Clarice Lispector

Depois de apresentarmos sucintamente um pouco da historiografia da lingüística e da Análise do Discurso de orientação francesa, teoria que sustenta teórica e metodologicamente nossa pesquisa, discutimos neste capítulo a relação entre o gênero charge e o suporte jornal que o dá a circular. Cremos que essa discussão é pertinente por um lado pelo fato de podermos compreender o papel dos elementos lingüísticos, estruturais e temáticos na constituição das charges. E, por outro, pelo fato de compreendermos as restrições de sentido que as charges sofrem ao serem dadas a circular pelos suportes midiáticos.

De acordo com Bakhtin (1997), os gêneros do discurso são *infinitos* por estarem ligados com a atividade humana, que também é *inesgotável*. Para o autor, os gêneros do discurso são *heterogêneos* e apresentam-se de acordo com a situação, os temas, os próprios protagonistas. Mediante o nosso *corpus* de pesquisa, podemos perceber um pouco do funcionamento discursivo no gênero charge, e, mais especificamente, como são/foram tratados derrisoriamente os presidentes do Brasil Fernando Henrique Cardoso

e Luis Inácio Lula da Silva. Para Bakhtin (1997, p. 285) “*os enunciados e o tipo a que pertencem, ou seja, os gêneros do discurso são as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua.*”

A charge pode ser vista como um tipo de texto que amalgama materialidades verbais e visuais para circular informações e críticas a um acontecimento ou mesmo a um personagem de destaque. Além disto, a charge está inscrita no gênero jornalístico como opinativa. Podemos considerar, entretanto, que do ponto de vista comunicacional a charge é a fusão viva de jornalismo informativo e jornalismo opinativo, visto que, ao mesmo tempo em que emite uma opinião acerca de um acontecimento, também informa o leitor, mesmo que resumidamente, sobre os fatos ocorridos. No entanto, mesmo sendo uma fusão, o caráter opinativo predomina sobre o informativo.

O chargista, geralmente inscrito na formação discursiva dominante do jornal, tece críticas a acontecimentos políticos vivenciados em uma determinada realidade social. Entendemos que a charge é uma “*compreensão responsiva*” a uma determinada ocorrência. Podemos colocar o chargista no papel de *locutor* do enunciado para compreendermos melhor quando Bakhtin afirma que

o próprio locutor como tal é, em certo grau, um *respondente*, pois não é o primeiro locutor, que rompe pela primeira vez o eterno silêncio de um mundo mudo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que utiliza, mas também a existência dos enunciados anteriores – emanantes dele mesmo ou do outro – aos quais seu próprio enunciado está vinculado por algum tipo de relação (fundamenta-se neles, polemiza com eles), pura e simplesmente ele já os supõe conhecidos do ouvinte. Cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados. (BAKHTIN, 1997, p.291)

Tendo em vista o infinito número de gêneros, Bakhtin classifica-os em dois grupos: o gênero primário e o gênero secundário. Os primários são definidos como simples e os secundários como complexos.

Os gêneros secundários do discurso – o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. – aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea. Os gêneros secundários, transformam-se dentro destes e adquirem uma característica particular: perdem sua relação imediata com a realidade existente e com a realidade dos enunciados alheios. (BAKHTIN, 1997, p. 263)

A charge a seguir, publicada pelo *jornal Folha de S. Paulo* no dia 05 de janeiro de 2006, ilustra estes aspectos dos gêneros discursivos. Os personagens desta charge são o então presidente Lula e outra pessoa que, pelo nosso imaginário, trata-se de um assessor do governo. A fala do presidente é: “Tape os Buracos das Rodovias Imediatamente”. Imediatamente”.



Na imagem que vem logo abaixo há uma pessoa tapando/cobrindo os buracos com um cartaz escrito: Lula 2006 e uma fotografia de campanha eleitoral. Esses enunciados verbais e visuais nos remetem a enunciados anteriores. Na verdade trata-se de asseverar que as obras realizadas pelo governo Lula têm um cunho eleitoreiro. Enunciado esse amplamente divulgado pela mídia. Em outros termos, a charge em questão (re)diz no entrecruzamento de duas semioses (verbal e icônica) o que o

enunciado verbal afirma. Os gêneros discursivos, para Bakhtin, são compostos por meio de um tema, um estilo e uma composição. O tema do gênero discursivo está diretamente ligado ao projeto de dizer de cada autor e está relacionado com outros discursos do mesmo tema (dialogia), mesmo que tenham sido proferidos em outros gêneros discursivos. O estilo de um gênero é identificado pela diferença em relação a outros temas. O estilo dos outros gêneros com o mesmo tema. A composição está ligada à estruturação que se efetua.

Podemos notar que esta charge apresenta como tema central a figura do presidente Lula em campanha eleitoral. Entendemos o projeto de dizer do autor, no caso o chargista, pelo fato da charge estar ligada a outros comentários, outros discursos que vieram antes da charge. A inscrição verbal da charge, por si mesma, não dá conta de abarcar a totalidade do(s) sentido(s) da charge. É preciso situar numa determinada fala que veio antes, em outro lugar, ainda que este lugar tenha sido o próprio jornal. Para Bakhtin,

a significação da palavra se refere à realidade efetiva nas condições reais da comunicação verbal. É por essa razão que não só compreendemos a significação da palavra enquanto palavra da língua, mas também adotamos para com ela uma atitude responsiva ativa (simpatia, concordância, discordância, estímulo à ação). A entonação expressiva não pertence à palavra, mas ao enunciado. Mesmo assim é difícil descartar a idéia de que a palavra da língua comporta (ou pode comportar) um “tom emocional”, um “juízo de valor”, uma “aura estilística”, etc, e que, por conseguinte, comporta também a entonação expressiva que lhe seria inerente em sua qualidade de palavra. (BAKHTIN, 1997, p. 310).

Por esta afirmação, percebemos que Bakhtin põe em evidência o sentido da palavra em função de determinadas situações, mas também não descarta que a palavra carrega consigo alguns valores semântico-ideológicos. Nas charges, observamos que o sentido estabelecido pela palavra vem destas duas maneiras. Tanto pode ter um efeito de sentido por meio de uma determinada situação, como também pode ter o próprio sentido

enquanto palavra. Importante lembrarmos que qualquer interpretação deverá ser estabelecida juntamente com a imagem. Na primeira charge que apresentamos, quando a caricatura que representa o interlocutor do presidente Lula responde com as palavras: “Sim, presidente”, entendemos o que tais palavras significam por meio da situação enunciada e também através do próprio significado que carregam. No entanto, as palavras do presidente precisam buscar um sentido que vai além da língua para que a crítica que a charge faz seja efetivada e, assim, o efeito de humor também seja instaurado. O enunciado proferido pelo presidente nos dá a entender algo, já a imagem que vem logo abaixo nos faz desconstruir o sentido que havíamos instaurado antes para o que seria “tapar os buracos”.

Como dissemos, o tema está ligado a um projeto de dizer do autor, mas as interpretações cabíveis e possíveis são várias. Os efeitos de sentido que a charge pode atingir dependerão, em grande parte, do saber discursivo do leitor. De acordo com Possenti (2009, p. 134) “ é parte de um saber discursivo (de certo discurso de direita) que a esquerda é desordeira, e um direitista pode falar disso a qualquer momento, como se ouve em numerosas manifestações em campanhas eleitorais.”

O leitor da charge, diante das interpretações que é mobilizado a fazer, terá uma atitude *responsiva*. Assim, ele poderá concordar com o que está sendo colocado, poderá refutar, poderá acrescentar algo mais, dialogar com outros dizeres a respeito do tema em questão. Contudo, a mídia dos (e)leitores ao mobilizar um saber discursivo “obras realizadas em final de mandatos tem um cunho eleitoral” constrói um caminho interpretativo a ser seguido por esse (e)leitor. Muitas vezes os temas tratados nas charges fazem parte de uma realidade social entristecedora, mas a maneira como são colocados provocam o riso e não o sentimento de tristeza. Bakhtin coloca que

os gêneros do discurso, de uma maneira geral, prestam-se facilmente a uma modificação da inflexão - o triste passa a ser alegre – mas daí resulta algo novo (por exemplo, o gênero epitáfio engraçado). É possível assimilar essa expressividade típica do gênero à “aura estilística” da palavra, mas nem por isso esta pertence à palavra da língua e sim ao gênero em que a palavra costuma funcionar. O que se ouve soar na palavra é o eco do gênero em sua totalidade. (BAKHTIN, 1997, p.312)

Podemos dizer que tal inflexão faz parte do gênero charge. A crítica muitas vezes é atingida quando causa o humor, que pode ser resultante desta inflexão.

Entendemos que a charge esteja situada no grupo dos gêneros secundários, pois é a transformação, a subversão, a resignificação de acontecimentos históricos diários. Uma das características desta subversão que a charge apresenta é o humor. No entanto, para que o efeito de humor seja atingido, é necessário que o leitor detenha determinados conhecimentos, saberes discursivos, para compreender o fato que a charge se refere, ou mesmo para entender melhor a crítica que se faz neste gênero. Além do humor, há outro fator que permite que o jornal manifeste suas críticas: o sentido do texto não está totalmente demarcado. Ele é construído por intermédio do texto imagético e/ou verbal, mas o efeito de sentido depende dos saberes que o leitor possui acerca dos fatos ocorridos, dos assuntos a que o texto fizer interdiscursividade e também acerca das personagens em questão. Para compor os sentidos, o texto chárgico apresenta, predominantemente, uma fusão entre o verbal e o visual para juntos completarem os sentidos propostos.

A charge é um tipo de texto no jornal que relaciona explicitamente outras opiniões e informações expressadas, muitas vezes, pelo próprio jornal onde está inscrita. Assim, é o leitor quem buscará determinadas informações que irão subsidiar sua compreensão. Na verdade, o leitor da charge, conforme já dissemos, é direcionado pelo próprio jornal a um determinado tipo de informação. Apesar disto, a responsabilidade

pelo ato de resignificar criticamente o outro texto veiculado é, majoritariamente do leitor. Entendemos que, se houve determinado acontecimento e o leitor tomou conhecimento, certamente ele, para interpretar a charge, recupera, mediante sua memória discursiva, os outros textos que foram produzidos. No entanto, divergir ou convergir sua opinião em relação ao que está sendo mostrado na charge é papel do leitor. Isto é o que apontamos como o papel de resignificar, mesmo compreendendo que o gênero charge também é responsável pelo posicionamento do leitor, uma vez que a charge também é um veículo formador de opinião. Podemos ver que, nas charges, de acordo com Bakhtin,

o enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra “resposta” é empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. Não se pode esquecer que o enunciado ocupa uma posição *definida* numa dada esfera da comunicação verbal relativa a um dado problema, a uma dada questão, etc. Não podemos determinar nossa posição sem correlacioná-la com outras posições. É por esta razão que o enunciado é repleto de reações-respostas a outros enunciados numa dada esfera da comunicação verbal. (BAKHTIN, 1997, p.316)

Outro aspecto relevante para analisarmos nas charges é a questão do espaço temporal, que é relativamente curto. Muitos acontecimentos tornam-se notícias de grande circulação, mas, em um curto período no tempo deixam de ser comentados. Os motivos para tal fator são vários, pode ser a resolução do problema ou mesmo o aparecimento de outro fato que seja considerado pela mídia de maior destaque e/ou interesse. Para Maingueneau (1993, p.36) “o gênero, como toda instituição, constrói o tempo-espaço de sua legitimação. Estas não são “circunstâncias” exteriores, mas os pressupostos que o tornam possível.” Ao nos depararmos com uma charge antiga, pode ser que seja mais difícil conseguirmos compreendê-la em sua totalidade caso o acontecimento retratado não esteja presente em nosso saber discursivo, no entanto,

outros sentidos serão atingidos. É certo que o leitor, diante de uma charge que trata um assunto já esquecido, ou fora de seu conhecimento, tentará buscar explicações, ou interpretações cabíveis para o enunciado chárstico. Isto também é possível pelo fato do enunciado ter esse caráter *responsivo* a outros discursos. Sendo assim, por mais que se trate especificamente de um assunto, o tema em questão poderá ser interpretado ou reinterpretado, visto que o que se diz em uma charge não foi/será dito pela primeira vez.

Por mais monológico que seja um enunciado (uma obra científica ou filosófica, por exemplo), por mais que se concentre no seu objeto, ele não pode deixar de ser também, em certo grau, uma resposta ao que já foi dito sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo problema, ainda que esse caráter de resposta não receba uma expressão externa bem perceptível. (BAKHTIN, 1997, p. 317)

Os gêneros discursivos apresentam formas *estáveis*. Dentre os aspectos *estáveis* da charge, podemos notar que o sujeito da charge tratado derrisoriamente é sempre subvertido. A caricatura exposta tem características regulares. Uma delas é o fato de um sujeito falar e dar voz a outro. Neste caso, o sujeito da charge, na maioria das vezes, é o próprio chargista, mas quem assume voz para dar determinado efeito de sentido é o sujeito caricaturizado. Apesar de ser o chargista quem “dá vida” ao ‘caricaturado’, o seu dizer é apenas reiteração, a retomada, mesmo que subvertida, daquilo que de alguma maneira já foi dito em outro lugar, enquanto acontecimento histórico.

O objeto do discurso de um locutor, seja ele qual for, não é objeto do discurso pela primeira vez neste enunciado, e este locutor não é o primeiro a falar dele. O objeto, por assim dizer, já foi falado, controvertido, esclarecido e julgado de diversas maneiras, é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões do mundo, tendências. Um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais é o primeiro a nomear. (BAKHTIN, 1997, p.319)

Bakhtin (1997) esclarece que o que constitui um enunciado é o fato dele ser dirigido a alguém. No caso das charges, o destinatário é o público do jornal. Há um imaginário acerca do consumidor do jornal. Neste público, há um tipo que predomina: o

grupo que compactua com as críticas feitas aos presidentes. Há o grupo que contesta e também há os que são a própria resposta do enunciado. Lembremos que uma das condições que possibilitam os discursos é que o discurso é proferido de acordo com o modo que o locutor vê o seu destinatário.

Mainueneau (1993) coloca que o gênero do discurso implica condições de ordem comunicacional e de ordem estatutária. A ordem comunicacional está ligada ao modo de dizer, a forma de comunicação que o gênero se utiliza para sua transmissão. A ordem estatutária diz respeito ao estatuto do enunciador. O que permite a legitimidade do dizer para um determinado sujeito lingüístico, que se posiciona de um determinado lugar. Há uma *autoridade* no quadro dos gêneros discursivos. Assim, os discursos chágricos são autorizados porque são reconhecidos por uma comunidade argumentadora. Em outras palavras, não é qualquer charge que “pega”. Há aqui uma questão de autoridade implicada. Não basta apenas que uma charge seja bem feita, é preciso sobretudo que ela venha assinada por um chágista consagrado.

No tocante aos suportes que veiculam as charges cremos ser importante trazer inicialmente as palavras de Dominique Mainueneau (2005, p.22) em relação à semântica global: *O caráter “global” dessa semântica se manifesta pelo fato de que ela restringe simultaneamente o conjunto dos “planos” discursivos: tanto o vocabulário quanto os temas tratados, a intertextualidade ou as instâncias de enunciação.*

No nosso entendimento, a mesma semântica global que restringe a publicação de determinados textos e não outros num suporte, restringe também as charges. Ou seja, em última instância é a orientação ideológica do jornal (no caso das charges impressas) ou do site (no caso das charges em movimento que vai autorizar a publicação ou não das charges. Por exemplo, um jornal como *O Estado de S. Paulo*, que tem uma orientação

de direita, dificilmente publicará uma charge que critique um governante de direita. No máximo publicará “críticas autorizadas”. Por exemplo, publicará uma charge que “criticará” o caráter erudito de FHC.

Em suma, o suporte tal qual os outros “planos” do discurso é regrado por um conjunto de restrições semânticas que autoriza aquilo que pode e deve ser dito (sério ou derrisoriamente).

Outra característica básica presente nas charges é o humor. Como podemos notar, o gênero charge apresenta, em si, outros gêneros que também o constituem. O gênero humorístico também é um gênero constituinte do gênero chárstico. De acordo com Maingueneau (1993)

um texto encontra-se geralmente na intersecção de múltiplos gêneros. As tipologias tradicionalmente herdadas da retórica revelam-se, com frequência, inoperantes. Falar de “discurso polêmico”, de “editorial”, de “diálogo”, de “discurso científico”, de panfleto, etc., consiste em presumir, com base em dimensões muito diferentes, que é possível, a cada vez, definir uma unidade. Mas, se há gênero a partir do momento que vários textos se submetem a um conjunto de coerções comuns e que os gêneros variam segundo os lugares e as épocas, compreender-se-á facilmente que a lista dos gêneros seja, por definição, indeterminada. Finalmente, cabe ao analista definir, em função de seus objetivos, os recortes genéricos que lhe parecem pertinentes. (MAINGUENEAU, 1993, p. 35)

Várias são as pesquisas que temos a respeito do que seja humor. Algumas tratam quais seriam os aspectos risíveis que existem. Bergson (1983) coloca que rimos daquilo que direta ou indiretamente está ligado ao humano. Esse traço é estudado com mais afincado no próximo capítulo de nossa pesquisa, que objetiva, também, analisar o funcionamento do humor derrisório dirigido aos dois presidentes objetos chársticos.

CAPÍTULO 3

O humor e a derrisão no gênero charge: problematizações

“Sobretudo um dia virá em que todo meu movimento será criação, nascimento, eu romperei todos os nãos que existem dentro de mim, provarei a mim mesma que nada há a temer, que tudo o que eu for será sempre onde haja uma mulher com meu princípio, erguerei dentro de mim o que sou um dia, a um gesto meu minhas vagas se levantarão poderosas, água pura submergindo a dúvida, a consciência, eu serei forte como a alma de um animal e quando eu falar serão palavras não pensadas e lentas, não levemente sentidas, não cheias de vontade de humanidade, não o passado corroendo o futuro! O que eu disser soará fatal e inteiro!”

Clarice Lispector

1. Humor e derrisão

Há um número considerável de estudos que se debruçam sobre a questão do humor nas mais diversas ciências humanas. Nos estudos *Sobre a Comédia*, obra que foi atribuída a Aristóteles, podemos encontrar algumas dessas reflexões sobre o riso. Uma dessas reflexões é que o humor é característico do ser humano. Tal tese foi retomada mais tarde por diversos estudiosos. Bergson (1983), por exemplo, é um desses estudiosos do humor que reclama para si a autoria de tal afirmação. Para os retóricos Cícero ([106 a. C – 43 a. C] apud Skinner 2002) e Quintiliano (1920-2 apud Skinner 2002) “quando rimos estamos nos gabando ou nos glorificando diante de outra pessoa pelo fato de termos constatado que, em algum aspecto, ela é inferior a nós ou sofre de algum defeito ou fraqueza desprezível”. Não rimos de algo que, de algum modo, encontra-se superior a nós. O que está acima de nós apenas admiramos. Rimos daquilo

que, de alguma forma, nos deu liberdade para tal. Uma atitude grosseira, burlesca, por exemplo, é uma falha que nos dá licença para rir.

O riso pode ser um gozo, um motivo de felicidade. Quando lançamos um sorriso por alguma conquista, de alguma forma estamos dizendo: eu posso, eu consegui. Da mesma forma, também pode servir como um triunfo maldoso. Se meu time ganha, se meu candidato vence as eleições, dou risada pela conquista e, ao mesmo tempo, estou maldosamente triunfando sobre meu Outro. Poder rir derrisoriamente de algo ou alguém é também um prazer pelo fato de podermos constatar nossa superioridade em relação a estes.

Quando retratamos o político derrisoriamente estamos invertendo a ordem de poder pré-estabelecida. O presidente da república é quem detém a autoridade de maior destaque e, no imaginário social, de maior poder também. No entanto, quando o presidente é tratado derrisoriamente, o indivíduo leitor e o autor da charge atingem uma posição de superioridade em relação ao presidente. Analisamos a questão derrisória em torno de Lula e de Fernando Henrique, no entanto, haveria charges construídas com qualquer um que ocupasse ou que venha a ocupar tal cargo. Ao rirmos de algo em torno de um presidente, nos colocamos na posição de críticos dos mesmos. Ou seja, estamos nos atribuindo o papel de julgadores de tais representantes políticos. Rimos por sentirmos que estamos acima de alguma atitude e, por isso, podemos ridicularizar algo ou alguém responsável por um comportamento ou uma atitude inapropriada.

Propp (1983) coloca que “a estultice, a incapacidade mais elementar de observar corretamente, de ligar causas e efeitos, desperta o riso. Nas charges, o que vemos é a exposição de determinadas ‘falhas’ políticas, mas quem cria o humor ao demonstrar as ‘falhas’ é o próprio chargista. No nosso entendimento, é como se o próprio político não

tivesse tido a percepção de verificar seus atos, suas possíveis falhas e o chargista as evidenciasse. É nesta não percepção somada a evidência mostrada por uma terceira pessoa, no caso o chargista, que está o humor.

Tratando da questão do humor e da derrisão neste caso específico, vemos que o humor por si está no fato do político não ter observado seus próprios atos. A derrisão se instaura no momento que essa incapacidade de perceber as próprias falhas é colocada como uma crítica. Como podemos ver, é uma linha tênue que faz tal distinção. A derrisão é criada a partir do humor, mas a ordem inversa não se faz necessária. Por sinal, a derrisão trata-se de um tipo específico de humor. Quem é vítima da derrisão geralmente ‘cometeu’ algum ato que é considerado falha diante da sociedade.

Quando o autor de uma charge expõe uma figura pública, ele o faz baseado em uma construção ideológica já conhecida/reconhecida por seus possíveis leitores. Caso a charge fosse criada a partir de uma imagem particular do autor em relação aos caricaturados, o público não poderia compartilhar o riso por meio do que fora publicado e o caráter derrisório não seria tão representativo. Nesse sentido, é possível asseverar que a charge transmita seu efeito de sentido por intermédio de implícitos. Para Pierre Achard,

do ponto de vista discursivo, o implícito trabalha então sobre a base de um imaginário que o representa como memorizado, enquanto cada discurso, ao pressupô-lo, vai fazer apelo a sua (re)construção, sob a restrição “no vazio” de que eles respeitem as formas que permitam sua inserção por paráfrase. Mas jamais podemos provar ou supor que esse implícito (re)construído tenha existido em algum lugar como discurso autônomo. (ACHARD, 1999, p. 13)

Apesar de a derrisão ser um tipo específico de humor, Bonnafous (2003) considera que derrisão é a *“associação do humor e da agressividade que a caracteriza e a distingue da pura injúria”* (grifos nossos), entendemos ser importante trazer ao leitor algumas diferenciações entre derrisão e o humor comum.

Ao estudarmos a questão do humor e da derrisão podemos descrever algumas de suas características que, aparentemente, parecem diferenciar-se. Primeiramente podemos ver a questão de fazer humor *respeitando as regras*. (grifos nossos). Como exemplo para tal asserção, recorreremos uma pequena anedota para demonstrar:

Certa vez, o grande Metelo quis visitar o velho Ênio, o grande poeta, em sua casa distante em Aventine; a empregada disse-lhe que ele não estava em casa, mas Metelo, conhecendo-o bem, foi embora com a firme convicção de que a empregada não dissera a verdade. Alguns dias depois, Ênio veio à casa de Metelo e perguntou pelo senhor. Metelo gritou que não estava em casa. Como era de se esperar, Ênio se aborreceu, mas Metelo o acalmou: “Outro dia, acreditei em sua empregada (os criados romanos eram notórios mentirosos), então por que você não acredita em mim agora?”

Esta anedota nos mostra, por exemplo, que um poeta e um senador não poderiam ser chamados de mentirosos abertamente, sendo assim, cria-se o humor para dizer algo que, na verdade não está sendo dito explicitamente. Isto é fazer humor *respeitando as regras* de uma sociedade. A derrisão chárstica também apresenta esse caráter de respeitar as regras. Se, em algum momento, a interpretação da charge nos permitir inferir que os presidentes são ‘ladrões’, por exemplo, será apenas uma inferência, nada será dito abertamente. Podemos afirmar que o que distingue a derrisão das demais formas de humor é a crítica mordaz. Enquanto o humor “comum” busca apenas provocar o riso, o humor derrisório busca criticar mordazmente o Outro evidenciando as suas falhas.

Em alguns casos analisados nas charges, podemos perceber que há uma vontade de dizer, uma vontade de verdade que muitas vezes nos é dita *respeitando as regras*. Nem tudo pode ser dito, mesmo sendo dito dentro do gênero humor.

Em algumas charges, há sentidos que captamos enquanto leitores de acontecimentos diários, enquanto leitores de uma sociedade X, mas muitas vezes não

está dito explicitamente. No dia 20 de janeiro de 2001, no jornal *Folha de S. Paulo*, foi publicada uma charge que serve para ilustrar o que ora assinalamos. Na charge, há as caricaturas do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso com sua esposa, a senhora Ruth Cardoso. O texto verbal da charge é referente ao então presidente dirigindo-se à primeira dama. Vejamos: *Inglês! Francês? Alemão!! Espanhol, vai! Tá bom, Ruth! Eu converso com você em Português!!*



Como já dissemos, o significado da charge se dá por meio dos aspectos verbal e visual. Assim, uma das interpretações mais rápidas que podemos fazer por intermédio da imagem caricaturizada de FHC é sua notória decepção em ter que conversar com a esposa falando em português. Tal interpretação é possível porque há sentidos históricos construídos em torno de Fernando Henrique. O nosso saber discursivo tem o presidente Fernando Henrique Cardoso como um intelectual, um erudito, um poliglota, no entanto, a charge resignifica esse saber e o ridiculariza. Entendemos que os sentidos desta charge poderão caminhar tanto para a interpretação de que o presidente é realmente um intelectual, um poliglota quanto para a interpretação de que o presidente apresenta comportamentos inadequados, o que o tornariam esnobe, arrogante. Nosso saber

discursivo traz o presidente como erudito, que domina várias línguas e, ao mesmo tempo, o chargista também expõe FHC como uma figura distante da nação brasileira, dos costumes, da cultura nacional e até mesmo da própria língua nacional. O enunciador lança mão de um saber discursivo para, em seguida, subvertê-lo. Para Pêcheux

memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 1999, p.52)

Para interpretarmos que a erudição de FHC é sinônimo de arrogância por querer conversar com sua esposa em outras línguas, acionamos nosso saber discursivo. Primeiramente, esse saber colocará em evidência uma das imagens construídas acerca de FHC. Isto é, o fato deste fazer parte do grupo de intelectuais brasileiros acadêmicos, professor universitário da USP. Depois, nosso imaginário social, também presente em nosso saber discursivo, nos indicará que é inadequado conversar com alguém, que possui língua mãe idêntica a nossa, em outra língua em uma situação que não se faz necessária, por exemplo, em situações cotidianas.

Dado que nossos saberes discursivos são vastos e, por isso, não se resume a um tipo específico de informação, há várias outras interpretações que são cabíveis para análise desta charge, mas como nosso objetivo aqui é ilustrar a questão dos aspectos do humor derrisório, não nos deteremos muito nas possíveis leituras que a charge nos permite. Entretanto, propomos pensar aqui uma análise sobre a questão que se coloca diante de nós a respeito do conceito humor e do conceito de derrisão.

Entendemos por intermédio da breve análise realizada que o humor chágico inscrito nos jornais *Folha de S. Paulo* trata-se de um humor derrisório, diferencia-se do humor comum, que visa apenas a provocar o riso. Tal humor derrisório é uma forma encontrada para fazer crítica a um fato ou personagem passando pelo crivo da censura.

O jornal está inscrito em um macro-gênero que, em muitos casos, não é permitido fazer declarações abertamente. Ao nos depararmos com a forma que o jornal constrói o humor por meio das charges podemos questionar a questão do humor derrisório que se apresenta nos matutinos.

Mercier afirma que

o objetivo é estudar os diferentes poderes ou autoridades que são vítimas da derrisão, os diversos códigos ou convenções que são contestados, também, como aqueles que estão envolvidos podem reagir. Cada vez, irá estudar os modos de trabalho da derrisão, sua modalidade, sua motivação, seu impacto social, político e cultural. (MERCIER, 2001, p. 10) (tradução nossa)⁵

Para o autor, (op. cit.) “a derrisão não se reduz ao riso. No entanto, tornar algo ridículo, desprezível, além de sugerir a insignificância, pode provocar o riso. Esses são traços associados à derrisão que nos permite distingui-la das noções do riso ou do cômico.” Mercier (2001), também afirma que a derrisão possui a mesma lógica dos dias de carnaval, isto é, uma inversão simbólica e temporária da ordem política. O poder de contestação também ritualiza uma violência simbólica. Nas charges, podemos notar que a violência simbólica não está presente apenas na linguagem verbal, mas também na linguagem visual. Esse amálgama entre o verbal e o visual ridicularizam o objeto dado a ler, tornando-o menor, insignificante. Daí a violência simbólica.⁶ Entendemos que o pictórico, o imagético presente nas charges muitas vezes nos diz mais que o próprio texto escrito. Em alguns casos, inclusive, o texto está nos dizendo algo que a imagem demonstra o contrário. Nestes casos, a

⁵ Texto original: *l'objectif est d'étudier les différents pouvoirs ou autorités qui sont victimes de la dérision, les divers codes ou conventions qui sont remis en cause mais aussi la façon dont ceux qui sont mis en cause peuvent être amenés à réagir. À chaque fois, il s'agirait d'étudier les modes de dérision mis en oeuvre, leur modalité, leur motivation, leur impact social, politique et culturel.*

⁶Violência simbólica, em nosso texto, está de acordo com a noção estabelecida por Pierre Bourdieu. Segundo esse autor, a violência simbólica está ligada ao processo de socialização do indivíduo que se dá por meio de fabricações de crenças que o induzem a pensar seguindo critérios e padrões do discurso dominante muitas vezes sem perceber as formas de coerção.

construção do sentido será dada por meio do que é visto e não do que está sendo lido.

Esta também é uma forma derrisória de fazer críticas sem passar por sanções legais.

As críticas dirigidas que se apresentam nas charges estão geralmente voltadas para algum contexto social que não é o adequado, ou o mais desejado para o cidadão comum, mas que às vezes é vantajosa para algum político em questão. É comum vermos as charges trazerem à tona algum assunto relacionado às vantagens que os políticos gozam enquanto a população sofre com algum transtorno de ordem social e governamental. Driessen (2000) afirmou que “*o riso torna suportável o insuportável*”. Mercier (op. cit.) observa que a derrisão tem o poder de contornar a censura, de fazer o “EU” triunfar com prazer. É uma transgressão tolerável. Tornar a derrisão um riso é um meio de libertar a agressividade reprimida.

Notamos que a derrisão é feita *respeitando as regras*, visto que, muitos dos sentidos não são apreendidos na materialidade verbal, mas em um processo histórico de construção, muitas vezes algo é significado sem precisar ser dito. Assim, podemos notar que as charges aparecerão com este misto de humor e agressividade, mas sem precisar manifestar a agressividade e/ou o humor na materialidade verbal. Há casos também que a própria materialidade verbal é constituinte da derrisão. Podemos dar como exemplo a charge publicada no jornal *O Estado de São Paulo*, no dia 10 de setembro de 2000, em que o então presidente Fernando Henrique, caricaturizado, aparece com uma espada, vestido com um fardão acadêmico que contém também as cores da bandeira americana, com o seguinte dizer: “*Dependência ao Norte!*”



Neste caso, a derrisão está presente pelo fato de, humoristicamente, afirmar que o presidente do Brasil está submisso aos Estados Unidos. O humor se faz presente pela resignificação, subversão a um fato histórico. Com a frase, “*Dependência ao Norte*”, nossa memória traz a tona a frase que D. Pedro I teria dito às margens do Rio Ipiranga: “*Independência ou Morte*”, que é um símbolo da nossa nacionalidade. Então, o humor se instaura nessa quebra, nessa falha, na ruptura que se faz ao retomar uma frase que constituiu a nossa identidade como nação independente de Portugal para, em seguida, afirmar-se dependente à nação americana. A charge em questão por meio do enunciado “*Dependência ao Norte!*” se apresenta subvertendo o interdiscurso que está na sua base, ou seja, desloca, resignifica o enunciado supostamente proferido por Dom Pedro I às margens do Riacho do Ipiranga. Essa subversão é reforçada pela própria roupa do sujeito caricaturado, FHC, pois trata-se de um vestuário produzido a partir da bandeira dos Estados Unidos da América e do fardão acadêmico. Há alguns aspectos desta charge que direcionam nossa interpretação. Ao somarmos a questão da

semelhança fonética entre os elementos lingüísticos “Independência” e “Dependência” e “Norte” e “Morte” com a condição sócio-histórica do país, demonstrado pela bandeira americana, vemos que houve uma contestação dos valores nacionais por meio da crítica que foi feita ao então presidente.

O poder de contestação da derrisão faz com que o humor apresentado seja entendido como verdadeiro, afinal, quem contestaria algo que não passasse unicamente de uma brincadeira?

A característica de contestação da derrisão já é o bastante para que a diferenciemos dos demais tipos de humor. Primeiramente, por seu caráter de reivindicação, vemos a ocorrência deste tipo de humor relacionada com algum tipo de autoridade, geralmente nossos políticos. Só podemos protestar e solicitar algo para alguém que possui autonomia, no entanto, ao criticarmos humoristicamente quebramos a questão hierárquica e, ao mesmo tempo, ridicularizamos. A ridicularização consiste no fato de um comportamento inadequado e, é pelo comportamento inapropriado que nós nos permitimos rir derrisoriamente.

Há distintos tipos de se fazer humor. O alogismo, termo que, por definição se refere a algo que é sem lógica, é também uma das formas de criar humor. Nesse tipo de humor, é muito comum a figura do bobo. Aquele que tem ações ilógicas, mas generosas. Propp (1983) cita, por exemplo, a história de uma camponesa que, sentada na carroça, coloca parte da carga sobre os joelhos para aliviar para o cavalo. Para Propp (1983) “os tolos, no final das contas, suscitam a simpatia e a compreensão dos ouvintes. *O bobo dos contos russos tem qualidades morais e isto é mais importante que aquilo que se chama Inteligência.*” (grifos nossos). Nesse aspecto, podemos ver claramente uma distinção entre este tipo de humor e a derrisão. Na derrisão, os personagens são, em

sua maioria, os políticos e, ao invés de serem colocados como tolos, são, em muitos casos, os que tentam ser espertalhões. Um exemplo político que podemos citar é a clássica frase “eu não sabia”, dita pelo presidente Lula em um contexto de acusações de corrupção pelo “esquema do mensalão”. Ao invés de ser dado como o “bobo da corte”, Lula ainda é visto como um ‘esperto’ que tenta se passar por ignorante para não sofrer as sanções legais.

O cômico também faz parte dos estudos sobre o riso e geralmente está relacionado a algo baixo. Propp (1983) assevera que

nas poéticas do século XIX afirma-se com frequência que nem todo o âmbito do cômico representa obrigatoriamente algo de baixo, mas que é como se ele tivesse dois aspectos: um deles relacionado com o domínio da estética, entendida como a ciência do belo, e o outro, que fica fora do domínio da estética e do belo e se apresenta como algo de muito baixo. (PROPP, 1983, p. 21)

O paradoxo, a ironia, os trocadilhos, os bufões também fazem parte de um determinado gênero humorístico. Segundo Propp (1983),

próxima do paradoxo está a ironia. Sua definição não apresenta muitas dificuldades. Se no paradoxo conceitos que se excluem mutuamente são reunidos apesar de sua incompatibilidade, na ironia expressa-se com as palavras um conceito mas se subentende (sem expressá-lo por palavras) um outro, contrário. Em palavras diz-se algo positivo, pretendendo, ao contrário, expressar algo negativo, oposto ao que foi dito. A ironia revela assim alegoricamente os defeitos daquele (ou daquilo) de que se fala. Ela constitui um dos aspectos da zombaria e nisto está sua comicidade. (PROPP, 1983, p.125).

Um exemplo de paradoxo que Propp (op. cit.) traz é que “o hipocondríaco é o homem que se sente bem somente quando se sente mal.

O trocadilho trata-se de jogos lingüísticos que apresentam palavras semelhantes/iguais foneticamente, mas distintas semanticamente para provocar o riso. Na charge publicada no dia 15 de junho de 2007 no jornal *Folha de S. Paulo*, há um trocadilho que, na verdade, é uma subversão de uma realidade que causa indignação em

boa parte dos brasileiros. Nesta charge há um título: “*Conselho de Ética*”. No diálogo desta charge, dada nossa historicidade, concebemos que se trata de conversa entre alguns políticos. No diálogo alguém pergunta: “Alguna prova?” e obtém a resposta: “*Prova essa, de cinco queijos...*”



Os trocadilhos conseguem provocar o riso quando há uma ruptura ou um deslocamento de significado das palavras. No caso exemplificado, a ruptura acontece pelo fato da palavra ‘*prova*’ criar no leitor uma expectativa da possibilidade de algo que incriminasse alguém, dado que o título da charge é “Conselho de Ética” e, logo em seguida, o significado da palavra *prova* passa a ser sinônimo de degustação. Os trocadilhos geralmente são usados em contextos do cotidiano e provocam risos inocentes, mas, nesse caso, não é um riso inocente, é crítico. Esse é um ponto que diferencia o humor comum com a derrisão. A derrisão tem conseqüências revolucionárias inegáveis e isto não se faz por intermédio do que conhecemos como humor ‘inocente’.

Identificamos no humor político traços semelhantes às teorias do riso que ora citamos, no entanto, em se tratando de humor político, todas as formas de humor contribuirão para um efeito derrisório. Não se trata de uma fusão entre humor e derrisão, quando o humor político se instaura, os objetivos são claros, não se trata apenas de provocar o riso, mas criticar algo, reivindicar ou mesmo alertar o leitor para o que não está sendo visto.

2. Imagens derrisórias dos políticos

No tópico precedente, tentamos discutir num primeiro momento a relação entre a charge e o veículo que a faz circular e, num segundo momento, empreendemos uma discussão com o objetivo de estabelecer as diferenças entre humor e derrisão. Neste tópico que ora iniciamos, tentamos verificar como as charges constroem determinadas imagens para os políticos brasileiros.

As imagens que analisamos não mostram o que o enunciador diz de si, mas o que se pensa a respeito do objeto dado a ler, ou seja, não se trata de auto-derrisão, mas de derrisão. Nas charges, é o próprio personagem quem diz algo sobre si, mas este personagem é caricaturizado. Assim, será o chargista que dará voz aos personagens. O chargista terá o efeito de um narrador onisciente, que sabe o que seus personagens pensam.

Qualquer um que venha a ocupar o cargo de presidente será tratado derrisoriamente, visto que a derrisão tem também um caráter que contesta e, há sempre algo a ser reivindicado para um político, para um presidente. No entanto, o tratamento derrisório abordará aspectos diferentes baseados nos discursos que circularam a respeito de cada um. FHC se posicionava no lugar de intelectual. Deste modo, o humor subverte

o que poderia ser visto como ‘intelectual’ e passa a tratar como ‘elitista’ que, algumas vezes, manifesta sua intelectualidade de modo inapropriado. Nos discursos de Lula, o efeito de sentido que se procura atingir é o de homem humilde, homem das massas, homem do povo, que é do povo. Talvez esse discurso não buscasse esse efeito de sentido se o discurso de FHC não tivesse sido tão fortemente criticado.

Para que o chargista dê determinadas falas ao político na criação de suas charges, é necessário que haja condições de enunciabilidade. As condições de enunciabilidade também devem obedecer a determinados acontecimentos, além da imagem que se tem a respeito do político que se trata. Geralmente é o próprio político caricaturizado que falará, no entanto sua voz é dada a partir de um Outro. Assim, é preciso que a enunciação tenha um caráter compatível com alguma imagem do político para que o leitor a aceite. É preciso que haja acontecimentos que tornem possível, legitimável o dizer do político. Segundo Ducrot

não se trata das afirmações elogiosas que o orador pode fazer sobre sua própria pessoa no conteúdo de seu discurso, afirmações que, contrariamente, podem chocar o ouvinte, mas da aparência que lhe conferem o ritmo, a entonação, calorosa ou severa, a escolha das palavras, dos argumentos...[...] É na qualidade de fonte da enunciação que ele se vê revestido de determinadas características que, por ação reflexa, tornam essa enunciação aceitável ou não (DUCROT, 1984, p.201).

A aceitabilidade e a empatia de uma charge pelos leitores se dão justamente pelo fato de ela propor uma subversão de um acontecimento histórico, tornando-o derrisão e, conseqüentemente, fazendo uma contestação a uma ordem. A charge que apenas reproduzir o acontecimento sem esse efeito de humor e/ou derrisão não obterá condições de enunciabilidade neste gênero.

Um dos objetivos de nossa pesquisa é observarmos como as imagens construídas acerca dos dois presidentes brasileiros, Fernando Henrique Cardoso e Luis Inácio Lula

da Silva, foram sendo resignificadas por meio das charges. Importante salientar novamente que a charge condensa várias informações e acontecimentos, sendo assim, o seu dizer é reforçado sempre por outros dizeres a respeito do mesmo tema. Para entendermos um sentido construído acerca da imagem de Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, recorreremos a outras informações que já possuímos, adquiridas ao longo de um determinado tempo, e também às fontes veiculadas no próprio jornal que circula a charge e ainda a outros veículos de comunicação. As charges publicadas nos jornais supracitados geralmente publicam algum fato que está mexendo com a opinião pública. Na grande maioria das vezes, é uma crítica que se faz a uma determinada ‘falha política’. Ao mesmo tempo em que a crítica é instaurada, há uma espécie de solicitação à reintegração das normas. De acordo com Mercier (2001), “*o riso exclui simbolicamente e convida à reintegração das normas.*”

O fato de a charge publicar sempre algo envolvendo algum tipo de acontecimento que está sendo veiculado dá mais credibilidade para o que está sendo tratado. Esta já é uma das características do humor chárstico que se diferencia dos demais tipos de humor pelo fato de fazer abordagem a um acontecimento histórico e não apenas ficcional. É por meio desta veracidade do assunto abordado que o leitor já distingue que tal humor não está tratando unicamente de humor, trata-se de um acontecimento histórico que está sendo avaliado por meio da charge. Tal análise geralmente é dada a partir do humor derrisório. O humor chárstico é, predominantemente, um humor derrisório. O objetivo principal do humor derrisório não é provocar o riso, mas fazer uma contestação, eis outra diferenciação do humor comum.

As críticas, reivindicações e contestações que a charge der a circular serão mais facilmente aceitas pelos leitores também pelo fato de que, geralmente, a crítica elaborada pela charge por intermédio do humor tem o consentimento do público leitor.

Ao analisarmos as charges que publicaram a imagem de FHC e Lula vemos que há discursos que vão sendo retomados e reforçados e outros discursos que vão sendo construídos e desconstruídos por intermédio de determinados acontecimentos. Em outros termos, é possível observar que as charges vão (re)significando a imagem dos dois presidentes brasileiros e, desse modo, os (re)constituem enquanto sujeitos para a opinião pública.

Um traço recorrente presente nos discursos que versam sobre estes presidentes fala a respeito da erudição e da não erudição dos mesmos. Aparentemente, são duas imagens discrepantes, e realmente são, mas logo vão dando lugar a outras características aos presidentes, pois ambos ocupa(m)ram o mesmo cargo de poder e, por mais que haja diferenças entre ambos, ocupar o mesmo nível de poder os equipara e os compara sempre. Quando há somente avaliação, não há necessidade de comparação, mas sempre que tivermos uma comparação haverá uma equiparação para, em seguida, qualificar um em relação ao outro. Quando ambos são comparados é comum vermos aparecer o discurso de erudito *versus* não erudito. Como afirmou Saussure, uma coisa só existe em oposição a outra. Assim, quando há uma comparação nesta categoria, para que um seja o erudito, o outro terá que ser o não erudito. Quando não estão sendo comparados, os presidentes são caricaturados através de seus próprios feitos. É bom lembrarmos que a erudição de FHC descrita nas charges não é a mesma tratada por ele próprio e também no meio jornalístico. Nas charges, tal erudição aparece sempre humoristicamente e tem um sentido resignificado. Tal resignificação o coloca como estulto. Com a imagem do

presidente Lula ocorre que ele é apresentado, por ele mesmo e pela mídia jornalística, como um indivíduo ‘pouco escolarizado’, de origem humilde. Como tal apresentação já é colocada normalmente, não haveria humor chágico se ele fosse apresentado exatamente desta forma. O chargista não criará humor a partir de uma imagem que o político tem de si, mas a partir do modo como ele, o chargista, dá a circular o político.

Na charge abaixo, publicada no dia 1º de março de 2006, é possível observar a interdiscursividade com a questão da pouca escolaridade de Lula, no entanto, essa interdiscursividade logo sofre uma ruptura. Na charge está o presidente Lula ao lado de sua esposa, D. Marisa Leticia, de frente para o mar e a linguagem verbal do presidente é: “- *Marisa, estava aqui pensando na minha vida, na minha história, neste país... aí, quando olhei para esse mar infinito, percebi o quanto hoje me faz falta não ter freqüentado uma escolinha de natação!*”



A interdiscursividade com a questão da formação escolar de Lula só é possível devido nossos saberes discursivos reconhecerem, de imediato, os discursos que circularam a esse respeito. Para criar o humor, o chargista apóia-se nesse imaginário social que circula para, logo em seguida, ‘romper’ e assim instaurar o humor. Uma possível conclusão a que podemos chegar mediante esta charge é que a escola

tradicional que conhecemos não fez falta alguma para o presidente. Um raciocínio lógico é que ele conseguiu ser o presidente do Brasil tendo apenas o Ensino Fundamental completo. Sendo assim, já tendo atingido tal cargo, para que iria lamentar a não completude de seus estudos? Como se vê, a pouca formação de Lula não é o fator mais importante para atingir o efeito derrisório. Como o humor se apóia na subversão, um dos efeitos derrisórios colocados em relação a Lula o expõe como um sujeito que adora gozar de uma boa vida. O cenário desta charge contribui com essa idéia. A imagem paradisíaca do mar, da praia, nos transmite esta idéia de descanso, de prazer.

Como dissemos anteriormente a respeito do gênero charge, há uma interdiscursividade com outros textos veiculados no próprio jornal. Vemos que, algumas vezes, o efeito derrisório chárstico se apóia em imagens publicadas pelo jornal em caráter de gênero jornalístico informativo. Para exemplificar, apresentaremos uma imagem que é a capa do jornal *Folha de S. Paulo* publicada no dia 28 de fevereiro de 2006.



A chamada principal da capa diz: “Lula afirma que faz campanha 365 dias por ano”, mas a imagem ao lado não nos remete a campanha, nos remete a descanso.

Assim, notamos que o efeito derrisório instaurado pela imagem do jornal dá a circular uma imagem do presidente que é diferente daquele que o próprio Lula afirma a respeito de si. O efeito derrisório acaba constituindo e firmando outra imagem. A construção dessa imagem é uma somatória de sentidos, de palavras e de atitudes interincompreendidas por um Outro. No entanto, tal interincompreensão poderá ser facilmente aceita por apontar fatos que transpareceram/transparecem verdade.

Nas charges veiculadas nos jornais *Folha de S. Paulo*, principalmente, não vemos o personagem de Lula sendo tratado pelo chargista como ‘pouco escolarizado’. Tal discurso aparecerá nas charges quando o presidente FHC aparece e utiliza tal discurso como um argumento para tentar se sobrepor a Lula. Há sim humor derrisório em relação ao presidente Lula que aparece nas charges, no entanto, este imaginário social do Lula ‘ignorante’ que foi tão recorrente na mídia não tem grande repercussão nas charges nos casos em que o presidente Lula é caricaturizado. Lula, na grande maioria das vezes, é derrisoriamente tratado no aspecto de sua filiação com a política de direita para se eleger e/ou como o ‘bom vivant’.

Uma imagem bastante forte que fora construída ao longo dos anos em relação a Lula aborda a questão ideológica de um partido de esquerda. A luta sindical e a criação do Partido dos Trabalhadores foram também responsáveis por essa imagem, que por sinal foi bastante utilizada nas campanhas eleitorais. Durante duas campanhas eleitorais (1989 e 1994), o então presidenciável Luis Inácio Lula da Silva buscou vencer as eleições construindo e reforçando essa imagem a respeito de si próprio. No entanto, tal estratégia foi vista como uma das responsáveis por duas amargas derrotas. Sendo assim, vemos um outro capítulo desta história sendo delineado. Para tal, Lula busca romper com alguns desses estereótipos para atingir seu principal objetivo, se tornar o presidente

do Brasil. Para atingir seu propósito, houve várias estratégias, entre estas, fez alianças com partidos de direita como o PMDB⁷, que antes foi alvo de seus ataques, mas, neste segundo momento, nesta busca pela ruptura de uma determinada imagem e a construção de outra, torna-se um grande aliado. É neste momento então que disputa as eleições novamente com o PSDB⁸ em 1998 e é eleito o presidente do Brasil.

Como não é possível abarcarmos os sentidos que nosso próprio discurso irá atingir, a estratégia de Lula que fez com que ele chegasse a ganhar o apelido de ‘Lulinha da Paz’ não se restringiu apenas na reconstrução proposital de uma imagem. A mudança estratégica de Lula é o principal motivo da derrisão chárstica presente nos dois matutinos que ora analisamos. Para reforçar o que acabamos de dizer colocamos abaixo a charge publicada no dia 03 de fevereiro de 2006. Nesta charge, a representação derrisória e a respectiva construção de uma nova imagem podem ser vistas claramente.



Os personagens que aparecem caricaturados são o próprio chargista e o presidente Lula, que por sua vez estabelecem o diálogo transcrito logo abaixo.

Presidente: *Por que tanto me olha, companheiro cartunista?* **Cartunista:** *Estou tentando entender!* **Presidente:** *Entender o quê?* **Cartunista:** *Quem vossa excelência é!*

⁷ PMDB - Partido do Movimento Democrático do Brasil

⁸ PSDB - Partido da Social Democracia Brasileira

Presidente: *Ora, quem sou eu?! Lembra das greves, dos comícios, das grandes passeatas?* **Cartunista:** *Claro que lembro!* **Presidente:** *Recorda da luta pelas diretas, pela redemocratização, pelo fim da ditadura?*

Cartunista: *Sim, recordo!* **Presidente:** *Então, cara!! EU SOU O LULA!!*

Cartunista: *Lula? Posso ver os seus documentos?*

Achamos ser conveniente apresentar esta charge pelo fato de esta mostrar bem a questão de querer se apresentar com uma determinada imagem e, no entanto, ser visto diferentemente do que se propõe. Assim, percebemos que há um projeto de dizer, no entanto, esse projeto pode ser subvertido por meio de um processo de interincompreensão e ganhar sentidos distintos do que se propõe. Maingueneau (2005), abordando a questão do *primado do interdiscurso*, afirma que o interdiscurso precede o discurso. O autor francês coloca que esta relação interdiscursiva faz com que surja um processo de tradução, de *interincompreensão regrada*, criando assim um simulacro de seu Outro. Por interincompreensão Maingueneau entende que

o caráter constitutivo da relação interdiscursiva faz aparecer a interação semântica entre os discursos como um processo de tradução, de interincompreensão regrada. Cada um introduz o Outro em seu fechamento, traduzindo seus enunciados nas categorias do Mesmo e, assim, sua relação com esse Outro se dá sempre sob a forma do “simulacro” que dele constrói. (MAINGUENEAU, 2005, p. 22)

Para reforçar nossa análise, buscamos como material paralelo as charges publicadas no site www.charges.com.br. Nestas charges, há algumas diferenciações da charge impressa, a forma de diálogo é uma dessas diferenças. Se na charge impressa temos apenas um quadro que marca todo o diálogo, nas charges virtuais temos realmente um diálogo, com respostas e réplicas que vão suscitando fatos na memória do leitor. O diálogo longo vai também esclarecendo o leitor acerca dos fatos. Na charge impressa, se o leitor precisar buscar mais informações, uma das possibilidades é recorrer

às notícias veiculadas nos jornais. Para exemplificarmos nossa análise, recorreremos a duas charges que trazem a figura de FHC e a duas charges que trazem a figura de Lula.

A primeira charge que analisamos foi publicada no dia 17 de maio de 2002 no www.charges.com.br. Nesta charge, os personagens que aparecem são o então presidente FHC na sala presidencial com o candidato a sua sucessão, José Serra. No cenário, os dois estão dialogando frente a frente em uma mesa. Nesta mesa há papel e caneta. De imediato, o humor se instaura nesses papéis sobrepostos à mesa. Nossa memória reconheceria como legítimos papéis que significassem grande representatividade para o cenário nacional, uma vez que está se tratando de dois importantes homens públicos, no entanto, nesses papéis há um desenho do mosquito da dengue. Assunto que assolava o país na época.

O título da charge é *“Analisando a pesquisa”* e FHC começa questionando Serra: *O Lula tá disparado na frente! você tá lá atrás... Empatado com o Garotinho e com aquela mosca morta do Ciro!* E Serra responde: *mas viu o baile que to dando no Enéas?* FHC: *Francamente! eu já devia ter ouvido o PFL e abortado a sua candidatura!* Neste momento, Serra demonstra tristeza, faz uma carinha triste e FHC completa: *mas não tenho coragem... Esses seus olhinhos tristes me partem o coração.* Neste momento, Serra olha para cima com fisionomia animada e diz: *Mas eu vou dar um jeito de derrubar o Lula, chefe!* FHC: *Que bom! O que você vai fazer?* Serra: *Hã, eu vou dizer que ele não pode ganhar porque ele é ignorante!* FHC: *Esquece, com o Kleber Bambam não funcionou.* Serra: *Então eu digo que os banqueiros detestam ele e ameaçam ir embora.* FHC: *Pior, pra eleitor que tá devendo no cheque especial, se os banqueiros forem embora vai ser um alívio!* Serra: *a seleção pode ganhar a copa e a*

popularidade do governo sempre aumenta quando uma seleção vence a copa. FHC: Seleção? Ganhar a copa? Serra, o desespero tá afetando seu raciocínio.

Podemos notar que, neste diálogo, várias imagens foram construídas na enunciação chárstica. Primeiramente, notamos que FHC é colocado como o chefe de José Serra. Serra, na charge, é representado como o subalterno que não está cumprindo perfeitamente com suas obrigações. Quando Serra pensa na estratégia de dizer que o Lula não pode ganhar porque Lula é ignorante, o que está sendo exposto é a imagem que já fora construída em torno de Lula, o de homem pouco escolarizado, “algo que foi pensado antes, independentemente em outro lugar” (Pêcheux, 1969). Quando FHC rebate lembrando Kleber Bambam é instaurada uma imagem para o eleitor brasileiro. O ex-BBB, que é visto como um símbolo de ignorância venceu o primeiro Big Brother Brasil. É como se o presidente dissesse: para o eleitor brasileiro, não importa se o sujeito é ignorante ou não. Outro efeito de sentido resultante da imagem que se tem a respeito do eleitor brasileiro nos leva a interpretar que: o eleitor vota no presidente do Brasil da mesma maneira que vota em um BBB.

Há também a imagem da Seleção Brasileira de Futebol que também foi colocada em pauta. Naquela circunstância, a Seleção foi colocada como incapaz de ganhar o título da Copa do Mundo. No diálogo desta charge, os personagens de José Serra e de FHC fizeram irromper por meio do seu discurso a imagem que se tem de si e do Outro.

O chargista dá voz aos personagens políticos e apresenta-os como se eles mesmos estivessem elaborando tais falas, demonstrando tais pensamentos. Trata-se de um processo de interincompreensão regrada estabelecida pelo autor da charge. Apesar de o leitor reconhecer que foi o chargista quem deu voz aos personagens, a impressão que temos é que os políticos pensam exatamente como foram apresentados. A leitura

que o chargista apresenta a respeito dos personagens caricaturados parece ser real por também possuir um caráter de verossimilhança. Sendo assim, o leitor da charge pode facilmente entender que, apesar de ser uma criação chágica, demonstra exatamente a maneira que os políticos estão pensando.

O chargista cria o humor ao dar voz a seus personagens do mundo real e transmite ao leitor a sensação de que contemplou em seu trabalho o modo que realmente os políticos pensam. Tal fato é facilmente aceito, como dissemos, por retratar fatos reais do cotidiano. Ou seja, ao dar voz aos personagens caricaturados o chargista o fez baseado em uma determinada realidade. Assim, nossa memória discursiva irá entender como verdadeiro o que está sendo exposto, ainda que saibamos que a fala dos personagens foi criada por uma terceira pessoa.

A segunda charge virtual que analisamos foi publicada no site www.charges.com.br no dia 14 de julho de 2003. Nesta época, FHC já não era o presidente do Brasil. Nesta charge, as personagens são o ex-presidente e sua esposa, a senhora Ruth Cardoso.

No cenário desta charge, ambos estão em uma sala que pode ser de um hotel ou de um apartamento que está situado em Paris. Reconhecemos isto devido ao monumento símbolo de Paris, a Torre Eiffel, aparecer do lado de fora da janela onde eles se encontram. O ex-presidente está com um jornal em mãos, o “*Le Monde*”, e sua esposa com um livro, ao que se dá o diálogo na charge intitulada: *vida de ex*

FHC: *Ai, que vergonha, Ruth! Lula em turnê internacional! Imagina! Em Portugal deve ter pagado o maior mico na hora de escolher o vinho que acompanha o bacalhau! E na Inglaterra deve ter achado que “terceira via” é algum tipo de posição sexual! Hehe!*

Ruth: *Fernando, você precisa controlar a sua inveja!*

FHC: *Inveja? Eu? Sou um intelectual! Falo quatro idiomas! Odeio futebol e acho churrasco nojento! Aquela gordura... pratinho de plástico, mandioca... Bleargh!!!*

Ruth: *Agora o presidente é ele!*

FHC: *Mas eu não me conformo! Sair pelo mundo falando de fome! Quer coisa mais brega? Comigo o debate político já estava no nível de discutir se alcaparra mascara o sabor do salmão grelhado ou não!*

Ruth: *Fernando, curte a sua aposentadoria!*

FHC: *Aposentadoria? Aquela que o barbudo quer mexer? Aaarrgh!!!!*

Ruth: *Ah, eu não agüento! Vou fazer umas comprinhas em Champs-Élysées!*

FHC: *Champs-Élysées? Coisa mais brega! Ninguém faz compras em Champs-Élysées! Lá agora só tem fast-foods, lojas de Prêt-à-Porter, até Planet Hollywood... blá... blá... blá...*

Esta charge é bastante pertinente para nossa análise porque demonstra uma imagem que é bastante comum acerca de FHC. A própria mídia, os programas de humor de modo geral sempre significaram Fernando Henrique Cardoso como um presidente intelectual, distante de seu povo. Tal significação faz com que o lugar de intelectual não seja o mesmo visto por FHC e pela mídia humorística que caricaturiza tal comportamento ridicularizando-o. Essa imagem de intelectual que foi sendo construída em torno de FHC é uma imagem que, aparentemente, é vista pelo próprio FHC. No entanto, há um simulacro desta imagem sendo apresentado, também, por intermédio desta charge virtual. Para realçar a diferença da imagem que o então ex-presidente tem de si e a imagem de como o Outro o vê, a personagem caricaturizada de D. Ruth Cardoso esclarece bem por meio de sua fala. Quando Ruth Cardoso fala para Fernando

Henrique “deixar de inveja”, entendemos que a voz de D. Ruth expressa, também, a voz do Outro em relação a FHC. Este Outro não precisaria ser, necessariamente D. Ruth Cardoso, mas qualquer Outro que pense diferente de FHC. Interessante observarmos nesta charge a imagem que, supostamente, FHC tem de si e a imagem que faz de seu Outro, no caso o Presidente Lula. Na charge publicada no dia 27 de novembro de 2007 no Jornal *Folha de S. Paulo*, vemos a recorrência deste discurso que coloca FHC como um ex-presidente que se vê superior ao presidente Lula. Nesta charge o ex-presidente aparece e diz que admite ter chamado aposentados de “vagabundos”, brasileiros de “caipiras” mas que tem a “manha” de repetir isso em vários idiomas. Neste aspecto, a charge difere um pouco da charge virtual que foi analisada pelo fato de a comparação não ter sido explícita, só entendemos que o ex-presidente está se comparando com Lula pelo nosso conhecimento histórico-social. Tal charge também distingue pelo fato de FHC começar a reconhecer a própria falha e, logo em seguida já se colocar novamente em vantagem, pois teria a ‘manha’ de repetir em várias línguas. O fato de achar que poderia repetir demonstra que não é uma falha, uma vez que poderia fazer outra vez. A maneira como o presidente é ‘interincompreendido’ pelo chargista o faz parecer arrogante. Assim, o que seria visto por FHC como um diferencial, é interincompreendido pelo Outro de um modo que faz com que ele seja visto como, no mínimo, inadequado.



A terceira charge virtual que elegemos para nossa análise foi publicada no dia 06 de fevereiro de 2002 e se intitula “*o importante é vencer*”. Os personagens desta charge são o presidente Lula e o seu marketeiro político Duda Mendonça. Antes do diálogo dos dois há uma espécie de apresentação do que virá a seguir. Na apresentação, há um diálogo intertextual com o programa “Você Decide”, que já foi exibido pela Rede Globo de Televisão. Neste programa, eram apresentadas duas possibilidades para o final. O telespectador votava para decidir qual seria o melhor final. Na charge, aparece alguém simbolizando uma apresentadora que diz:

Olá, este é outro “Você Escolhe”, charge onde você escolhe o final! Um candidato a presidente deve ser vendido como produto de consumo? Veja e decida...

Logo em seguida aparecem os personagens Lula e Duda Mendonça. O marketeiro diz:

Muito bem, Bula⁹, sou o marketeiro de sua campanha e se você quiser vencer terá que fazer concessões!

⁹ Os personagens na charge podem aparecer com nomes foneticamente parecidos, mas que remetem a outro termo. Entendemos isto como uma estratégia de não comprometimento e, ao mesmo tempo, fazer (re)significar o personagem por meio de seu próprio nome.

Bula: *Nem vem, companheiro! Já passei a usar terno e gravata... Não xingo mais o FMI... Tô aprendendo inglês pro Bush ir com a minha cara... e até já peguei na mão do FHC! Já tá bom demais!*

Duda: *Sim, mas é preciso suavizar sua imagem pra diminuir a rejeição!*

Bula: *Como?*

Duda: *Bom, primeiro tirando essa barba estereotipada... Depois pintando o cabelo pra rejuvenescer... E finalmente, gravando um comercial de TV bem popular!*

Bula: *Não! Você não vai me comparar com cerveja, como fizeram com a Roxana!*

Duda: *Imagine! Pensei numa coisa mais alto astral! Manja os bichinhos da Parmalat?* (Duda mostra uma foto de um possível bichinho que nos lembra os que foram veiculados e ficaram bastante conhecidos nos comerciais da Parmalat).

Bula: *Eu? Vestir isso? É ruim, heim?*

Duda: *Quer ganhar ou não?*

Após a pergunta, Lula põe a mão no queixo como se estivesse a pensar na proposta. Após o diálogo, aparece a seguinte frase: *Então, ele deve seguir as instruções do marketeiro para tentar ser eleito? Se você acha que deve, vote “sim”! Se acha que não deve escolher “não”! Pelo menos aqui sua opinião conta!*

Podemos ver nesta charge uma certa transição da imagem de Lula. Nas charges seguintes deste site houve uma que apresentou Lula/Bula fantasiado de bixinho da Parmalat. O próprio site, como vemos, se encarregou de ir demonstrando, cronologicamente, a mudança de Lula, que já começava ser um alvo da derrisão pela atitude de se filiar com a ‘direita’ brasileira.

A quarta charge virtual foi publicada no dia 05 de junho de 2002 e se intitula “*esqueçam o que eu disse*”. Os personagens desta charge são os ex-governador do PMDB Orestes Quércia e Lula. O diálogo se dá da seguinte maneira:

Quércia: *Lula, estou surpreso por você querer o meu apoio! Até outro dia você me chamava de ladrão!*

Lula: *Mas você não foi condenado, né, Quércia? Quem sou eu pra duvidar da justiça brasileira!*

Quércia: *Como você mudou! Agora sim você é um de nós!*

Lula: *Epa! Não ofende! Não tem nenhuma denúncia contra mim!*

Quércia: *Um de nós políticos, Lula! Políticos!*

Lula: *Ah, bom... Entendi outra coisa. É o que eu tenho dito: Não é porque fui metalúrgico que vou andar sujo de graxa!*

Quércia: *é, até porque, depois de 30 anos se ainda tivesse graxa aí seria muita falta de higiene!*

Lula: *Então? Sua ala no PMDB vai me apoiar?*

Quércia: *Não sei, Lula... Olhando assim, por fora, você mudou... mas e por dentro?*

Lula: *Também! Por dentro tem cuequinha de seda francesa, cinta alemã pra espremer a barriga, quer ver?*

Quércia: *Não, não!*

Observando as charges de FHC notamos que há determinadas alterações em sua imagem definidas pelo contexto histórico e político. Na primeira charge FHC é ainda o presidente, portanto, é detentor de certo poder. Como presidente, se posiciona como chefe de José Serra, que era o candidato a sua sucessão. Nesta ocasião, Lula era o

concorrente e representava uma ameaça. Na segunda charge, FHC já é o ex-presidente, é alguém que perdeu o poder e está melancólico, invejoso pelo poder. A imagem já não é a mesma, FHC fala a partir de outra formação discursiva. Apesar de esta imagem apresentar alterações, a imagem de intelectual que FHC tem de si permanece em ambos os casos.

Nas charges que trazem Lula como protagonista já podemos notar mais alterações. No primeiro caso, Lula é um sujeito que quer manter um posicionamento, não quer abandonar determinados valores, apresenta resistência para maiores mudanças, mas já abandonou algumas idéias, alguns atributos. No segundo caso, Lula já abandonou por completo alguns conceitos para lançar mão do poder. Interessante observar que a segunda charge foi publicada com apenas três dias de diferença e a imagem de um presidenciável que não estava disposto a passar por maiores mudanças já deu lugar a de um outro que aceita tudo o que for preciso para vencer as eleições. A data que foi publicada a segunda charge, ainda que com pouca diferença, está mais próxima das eleições. No imaginário social brasileiro, já temos que, na briga pelo poder os políticos lançam mão de tudo, ou quase tudo para vencer as eleições. Esta imagem está bem caracterizada no diálogo que se dá entre Lula e Quércia.

Em 16 de janeiro de 2008, foi publicado no jornal *Folha de S. Paulo* uma imagem que reforça esta imagem de Lula. Isto é, de um político que faz/fez alianças para chegar/manter o poder. Na charge aparece Lula e Fidel Castro. O título da charge é: “*Encontros Inesquecíveis*”. Fidel pergunta a Lula como anda a direita brasileira e Lula diz ter casado com ela.



Reconhecemos que há várias comparações entre Lula e FHC e que, quando tais comparações aparecem, geralmente são para fazer juízos de valor entre ambos. No entanto, a derrisão que se faz a ambos está relacionada ao modo como estes utilizam o poder e/ou o que estão dispostos a fazer para manterem-se no poder. Claro que cada um terá suas estratégias para atingirem a meta. É nesta particularidade das artimanhas pelo poder que a derrisão será lançada de modos distintos a cada um pelo humor chárstico. A derrisão chárstica, como já dissemos, além de criar humor faz uma construção crítica em relação a determinadas atitudes. Quando a derrisão ocorre entre os próprios opositores políticos percebemos que, ao invés de aparentar um caráter de reivindicação e convite à reintegração das normas, a derrisão se dá mais no sentido da desqualificação. Quando o político X se coloca em relação ao político Y ele o faz se opondo. Desta maneira, se X diz que Y é incompetente, por exemplo, e está numa relação de oposição, o que se tem é que X é competente. Demonstrar os modos de ocorrência de ataques derrisórios entre opositores não é objetivo de nossa pesquisa, comentamos aqui, brevemente, apenas no intuito de apresentar uma diferença entre esta ocorrência derrisória com o humor derrisório chárstico inserido no gênero jornalístico.

Capítulo 4

Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: o político na charge

No capítulo anterior, tentamos estabelecer por um lado, as diferenças entre humor e derrisão e, por outro, mostrar como as charges constroem determinadas imagens derrisórias dos políticos brasileiros. Neste capítulo, apoiados em Pêcheux (1997) e Possenti (2009), procuramos mostrar que as charges impressas mantêm com os acontecimentos históricos, que dão a circular em forma de acontecimentos discursivos humorísticos, não apenas uma relação dialógica, como propõe quase a totalidade dos trabalhos que se debruçam sobre esse objeto¹⁰, mas, sobretudo, uma relação interdiscursiva e que esta interdiscursividade se dá no nível da interdiscursividade cultural¹¹, se constituindo em mais um dos dispositivos que regem os múltiplos planos discursivos que constituem os textos chárgicos.

Michel Pêcheux em “Discurso: estrutura ou acontecimento” (1997) nos chama a atenção para a possibilidade de se conceber o discurso não apenas como uma materialidade, que une um significante e um significado, tal qual pensara o Ferdinand de Saussure do Curso de Lingüística Geral - CLG, mas principalmente como uma materialidade significante inoculada de historicidade. Todavia, essa materialidade histórico-lingüística proposta por Pêcheux é distinta daquela concebida por Mikail

¹⁰ Uma representação metonímica desse tipo de abordagem é o ótimo trabalho de Edson Carlos Romualdo. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo das charges da Folha de S. Paulo*. Maringá: Eduem, 2000.

¹¹ Tomamos de empréstimo este conceito do trabalho de Claude Chabrol “*Humor e mídia: definições, gênero e cultura*” In: *Análises do Discurso hoje*, volume 2. Gláucia Muniz Proença Lara, Ida Lúcia Machado, Wander Emediato (organizadores) – Rio de Janeiro Nova Fronteira, 2008 – (Lucerna). Neste trabalho Chabrol, ao refletir sobre a relação do humor com os interdiscursos culturais não faz referência especificamente às charges, mas a todos os tipos de atos humorísticos que tomam os políticos como alvo.

Bakhtin (Volochinov) de *Marxismo Filosofia da Linguagem*, pois para este pensador as palavras são habitadas pela história, isto é, as palavras, na concepção do filósofo russo, são instrumentos que veiculam valores ideológicos. Trata-se então do ponto de vista pecheutiano de pensar por um lado o discurso como uma materialidade igualmente constituída por uma estrutura e por um acontecimento e, por outro, que esse “*estruturamento*”¹² discursivo se dá sempre não na estabilidade da veiculação de valores ideológicos, mas, principalmente, na instabilidade produzida pela tensão, pelo conflito entre esses valores.

O filósofo francês exemplifica esse caráter constitutivamente dual e tensivo do discurso com base na análise do funcionamento discursivo do enunciado “On gagné” [Ganhamos], repetido insistentemente na Praça da Bastilha em Paris em 10 de maio de 1981, após a vitória da esquerda francesa com François Mitterand, nas eleições presidenciais francesas daquele ano. Assevera Pêcheux:

a materialidade discursiva desse enunciado coletivo é absolutamente particular: ela não tem nem o conteúdo nem a forma, nem a estrutura enunciativa de uma palavra de ordem de uma manifestação ou de um comício político. On a gagné [Ganhamos], cantado com um ritmo de uma melodia determinados (on-a-gagné/dó-dó-dó-sol-dó) constitui a retomada direta no espaço do acontecimento político, do grito coletivo dos torcedores de uma partida esportiva cuja equipe acaba de ganhar. Este grito marca o momento em que a participação passiva do espectador-torcedor se converte em atividade coletiva gestual e vocal, materializando a festa da vitória da equipe, tanto mais intensamente quanto ela era mais improvável. (PÊCHEUX, 1997, p. 21)

Essa retomada do enunciado On a gagné no espaço do acontecimento político, todavia, diferentemente do espaço esportivo, sobredetermina o acontecimento, levando-o a equívocidade, a possibilidade de o sentido ser outro, isto é, se no espaço esportivo, perguntas do tipo “quem ganhou na verdade”, por conta mesmo da estabilidade lógica

¹² Palavra-valise, formada a partir da junção do radical *estrut* do elemento estrutura e sufixo *mento* do termo acontecimento para pensar a natureza constitutivamente dual e tensiva do discurso.

do enunciado, seria absurda. No campo político, dada a não estabilidade lógica dos enunciados que constituem esse tipo de questionamento, seria bastante pertinente. Isso implica dizer que, para Pêcheux, no domínio do político o enunciado em questão, no momento mesmo da sua retomada, “não funciona como uma proposição estabilizada” passível de uma resposta unívoca: X significa X e não Y. De acordo com Michel Pêcheux, no campo político, o enunciado *On a gagné*, pode ser traduzido pela equação “X diz X que pode significar a partir de diferentes formações discursivas Y, Z, W”, por exemplo. Deve-se levar em consideração, no entanto, que o campo político ao ser trabalhado pela mídia é encaminhado na direção da negação do equívoco, ou seja, a mídia ao dar a circular este enunciado como se fosse logicamente estabilizado, gerencia, nega a possibilidade de os sentidos serem outros. A esse respeito afirma Pêcheux:

todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois lingüisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva passíveis, oferecendo lugar a interpretação. (PÊCHEUX, 1997, p. 53)

Trata-se na verdade para Pêcheux, a partir do exemplo do acontecimento do dia 10 de maio de 1981, de refletir sobre o estatuto das discursividades que trabalham um acontecimento, entrecruzando proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de resposta unívoca (é sim ou não, é X ou Y, etc.) e formulações irremediavelmente equívocas (é sim e não ao mesmo tempo, é X e Y e Z e W, ao mesmo tempo, etc.).

A proposta de Pêcheux, no entanto, foi pensada para dar conta do discurso político verbal e sério do contexto francês dos anos setenta e oitenta. Seria possível pensar essa categoria de acontecimento tomando com objeto de análise o discurso

político humorístico veiculado em charges brasileiras dos anos 2000? Em que medida, a partir do funcionamento discursivo interno do discurso chárstico, a mídia atuaria na formação de um roteiro que produz um direcionamento da interpretação? E mais ainda, em que medida os postulados pecheutianos sobre a noção de acontecimento seriam válidos para o texto humorístico chárstico, uma vez que se trata de um enunciado que geralmente se constitui numa dupla perspectiva enunciativa: “X prefere dizer Y (humoristicamente) porque pensa a partir de uma determinada formação discursiva (seriamente) Z”. Dizendo de outro modo, o texto chárstico se constitui justamente na tensão dos enunciados logicamente estabilizados *versus* os enunciados não logicamente estabilizados, quer sejam verbais ou visuais. Ou seja, é da sua natureza essa tensão entre plurivocidade *versus* univocidade de sentidos. Tentaremos responder a essas questões a partir da análise da charge abaixo. Essa charge foi publicada na *Folha de S. Paulo*, em 04 de abril de 2006.



A charge em questão, cujo título é “PACTO COM O MERCADO”, dá em narrativa um suposto encontro entre Lula, Alckmin e o Demônio. Alguns índices

icônicos e verbais presentes no cenário dado a circular e que são constitutivos de um saber discursivo social acerca do que, na nossa sociedade judaico-cristã, seria o inferno, evidenciam tal leitura. Por exemplo, o fogo, a figura de uma pessoa bastante grande com um rabo e chifres, sentada em um trono e, o enunciado verbal: que faz referência a um suposto Grande Mestre das Profundezas. Ressalta-se que tanto Lula quanto Alckmin estão de joelhos. Contudo, enquanto o Lula está mais próximo e com mãos em forma de oração em frente ao demônio, Alckmin está mais distante e com os braços abertos. Não fica claro na charge quem profere o enunciado: “Oh, grande Mestre, vim em busca de apoio à minha candidatura para presidente da República”. A Ambigüidade em relação ao suposto enunciador, apesar do uso pronome possessivo de primeira pessoa do singular, podendo ser qualquer um, ou os dois ao mesmo tempo, sugere a inscrição dos enunciadores numa mesma formação discursiva.

A materialidade verbo-visual presente nessa charge textualiza o termo mercado como sinônimo de demônio. Na verdade, embora o pacto dado a circular pela charge em termos de estrutura lingüística se refira ao mercado, do ponto de vista do acontecimento, é ao demônio que ele faz referência. A retomada discursiva aqui é, por um lado, de discursos que circulam no cotidiano sobre pessoas que para alcançarem seus objetivos realizam pactos com o demônio e, por outro, com alguns discursos que circularam nos mais diversos suportes midiáticos acerca da total submissão ao mercado dos dois principais candidatos das eleições presidenciais de 2006. O que a charge está dizendo verbo-visualmente (humoristicamente) é que Lula e Alckmin fazem qualquer coisa para chegar à presidência e (seriamente) que tanto Lula quanto Alckmin estão submissos às grandes corporações do mercado. Todavia, pela posição e disposição das mãos de Lula no texto chágico em relação ao Mercado/Demônio, este estaria mais submisso do que

Alckmin. Portanto, seu discurso em favor dos mais pobres não passaria de engodo. Nesse sentido, o texto chárgico está trazendo em forma de narrativa verbo-visual o que já circula(ra) na sociedade enquanto discurso verbal, principalmente. Em termos discursivos, a charge embora se d a ler enquanto um discurso não logicamente estabilizado, isto , polissmica, passível de interpretao, no caso em análise, se apresenta justamente como um discurso logicamente estabilizado, pois a interpretao sugerida  justamente àquela que circula(ra) “antes, independentemente em outro lugar” na mdia (Pêcheux, 1991[1969]). Ou seja, o enunciado chárgico embora constituído de diferentes materialidades, a partir da sobredeterminao de um sentido pr-construído, regula a possibilidade de os sentidos serem outros.

Acreditamos então, com base na breve análise realizada, que a proposta de Pêcheux no tocante ao acontecimento discursivo  passível de ser deslocada para se pensar o texto chárgico político (humorístico) do contexto brasileiro, mesmo esse texto não se constituindo como um acontecimento discursivo fundamental, tal qual o pensado por Pêcheux (1997) em “Discurso: estrutura ou acontecimento”.  preciso, no entanto, antes de concluir a favor da pertinência desse deslocamento, considerar , por um lado, as diversas ordens e diferentes temporalidades dos acontecimentos discursivos e, por outro, as diferentes relaoes que estes mantm com a memória e os saberes discursivos que os determinam.

Srio Possenti (2009) em “A noo de acontecimento” (2009) com base na definio foucaultiana de acontecimento nos instiga a refletir sobre o fato de que a Análise do Discurso deveria tratar de acontecimentos de diversas ordens e não apenas os acontecimentos fundamentais (a publicao de uma obra, um manifesto, um editorial, um programa de governo, uma proposta de pacto, as eleioes presidenciais, as

ocupações de prédios públicos pelos movimentos sociais, etc). Para a Análise do Discurso nos diz Possenti:

pelo menos em suas práticas mais comuns de análise, um acontecimento seria considerado como tal na medida em que ensejasse a sua retomada ou sua repetição. No entanto, além dos casos como os mencionados, poderíamos considerar como acontecimentos discursivos – e não apenas como reformulações ou novas enunciações do mesmo, isto é, apenas como discursos – por exemplo, o estruturalismo, o feminismo, o nacionalismo etc. Seria mais claramente possível dar conta assim das discursividades e, especialmente, ter claro em que medida certos dispositivos e práticas são regidos pela mesma semântica. (POSSENTI, 2009, p. 125 [cf. Maingueneau 1984]).

Em outros termos, o que Possenti propõe é que ao se analisar um acontecimento discursivo se leve em consideração não apenas àqueles acontecimentos que se inserem numa determinada série, como propõe a Análise do Discurso de base pecheutiana, ou acontecimentos de longa duração como propõem os historiadores, mas tudo mesmo o que se diz em distintas materialidades acerca de um determinado evento, independentemente da duração de suas temporalidades. Por exemplo,

no caso do acontecimento do feminismo [...] é certo que algum manifesto ou congresso pode ser um grande acontecimento discursivo, em torno do qual se organiza um arquivo (tudo o que se passa a dizer – ou se pode recuperar de datas anteriores – em revistas, jornais, simpósios, livros, entrevistas etc.) Mas há mais: por debaixo deles, ou ao seu lado, surge por exemplo, um discurso do corpo, da beleza da sexualidade, do controle de natalidade, da saúde; e, ainda, da fidelidade, do divórcio, das alternativas sexuais; e, ainda, o das creches, do trabalho feminino, do assédio sexual, [das discussões – religiosas e médicas - sobre a interrupção voluntária da gravidez, eu acrescentaria]. Não esqueçamos de todos os textos novos de humor que todos esses acontecimentos permitem, por sua vez (POSSENTI, 2009, p. 125-6).

Com essa outra concepção de acontecimento discursivo, Possenti (2009) tenta romper, por um lado, como um modo de fazer história que procura em tudo um sentido ou que procura pela reiteração do mesmo sentido e processos de sua produção e, por outro, com a relação discurso-enunciação como evento singular. Não se trata de pensar o novo, enquanto instauração de uma singularidade, mas como diz Michel Foucault

(2002, p. 26) “no acontecimento da sua volta” Ademais, segundo o autor brasileiro, esta nova maneira de se apreender o acontecimento discursivo também permitiria especificar os elementos que, em um discurso, escapam de fato aos sujeitos e aqueles aos quais eles têm conhecimento. Em suma, o que Possenti está refinadamente questionando é a necessidade premente de se redesenhar no interior da Teoria do Discurso, por intermédio da discussão sobre a noção de acontecimento, novas possibilidades de se conceber as noções de esquecimento e de memória.

Trata-se no nosso entendimento de um “redesenhamento” bastante pertinente, visto que, para Pêcheux a questão da memória discursiva está intimamente ligada ao acontecimento discursivo e não às lembranças do sujeito. Tanto é que em *O papel da Memória* (1999) o filósofo francês nos diz: “o processo de inscrição do acontecimento no espaço da memória [...] se dá sob uma dupla forma limite” a) o acontecimento que escapa à inscrição, que não chega a se inscrever; e b) o acontecimento que é absorvido na memória, como se não tivesse ocorrido. Embora lembranças e esquecimentos alimentem os discursos dos sujeitos, enquanto interdiscursos, em Pêcheux, não há nenhuma discussão sobre o que o sujeito lembra e/ou o que o sujeito esquece.

Em se tratando do nosso *corpus* de análise, em que medida as reflexões de Possenti (2009) sobre o acontecimento discursivo e a sua relação com a memória e o esquecimento poderiam nos ajudar? Na tentativa de responder a essa questão, mobilizamos novamente a charge abaixo, publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* no ano 2000. Cremos não incorrer em redundância de análise, visto que, o objeto mobilizado será tratado discursivamente com base em propósitos outros que não àqueles do capítulo 3.



É possível observar que a charge em questão retoma por semelhança fonética - “Dependência ao Norte” - e icônica - “FHC travestido de príncipe regente com uma espada na mão” - um dos enunciados constituintes de nossa brasilidade, qual seja, o “Independência ou Morte”, supostamente proferido pelo então príncipe regente do Brasil, Dom Pedro I, em 07 de setembro de 1822, às margens do Riacho Ipiranga.

A noção de acontecimento discursivo proposta por Pêcheux: “o ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” dá conta perfeitamente de explicar a constituição dos sentidos da charge em questão, visto que o amálgama das materialidades (visuais e verbais) se constituem num ponto de encontro mesmo de uma memória discursiva: “O grito do Ipiranga – Independência ou Morte”, enunciado performativo que resultou na independência do Brasil em relação à sua metrópole Portugal e, uma atualidade: uma crítica à dependência do governo de FHC aos Estados Unidos. Entretanto, se mobilizarmos a primeira charge que analisamos neste capítulo, cujo título é PACTO COM O MERCADO, a noção pecheutiana de acontecimento discursivo não dá conta de explicar, pois o que está sendo rememorado neste texto não é

da ordem de um acontecimento discursivo fundamental como foi o “Grito do Ipiranga – Independência ou Morte” para os brasileiros e sim da ordem de um saber discursivo: discursos que circulam no cotidiano sobre pessoas que, para alcançarem seus objetivos realizam pactos com o demônio e que Alckmim e Lula no fundo são a mesma coisa, pois são governados pelo mercado. Trata-se na verdade de saberes que o sujeito mobiliza que circulam no imaginário social brasileiro, historicamente construídos e, não de um acontecimento discursivo fundamental que é retomado. Nesse sentido acreditamos que a proposta de Possenti (2009), pelo menos, nas duas charges, brevemente analisadas, seja mais pertinente do que os postulados pecheutianos para dar conta de objetos “menos nobres” e de temporalidades curtas.

Entretanto, antes de concluir favoravelmente à pertinência desse deslocamento proposto por Possenti (2009), acerca do acontecimento discursivo e das suas relações com a memória e o esquecimento, cremos ser necessário verificar como os autores de charges e de gêneros similares tais como os *cartoons* compreendem o seu trabalho.

Em seu trabalho sobre as relações entre a linguagem e os *cartoons*, Camilo Riani (2002) nos afirma

não se pode defender que haja um discurso “puro”, originalmente inédito, mas sim uma reelaboração, uma reconstrução, uma combinação de múltiplos discursos/idéias, mesmo que a partir de fragmentos desses. Assim, o que torna coerente e pertinente a proposição dialógica de Bakhtin é principalmente o fato, inegável, de que nenhum discurso nasce do nada [...] poderíamos afirmar que essa talvez seja a especialidade do humorista gráfico: a de reinterpretar, de modo perspicaz e irreverente, os inúmeros discursos que nos rodeiam, possibilitando, na maioria das vezes, uma leitura mais ampla e verdadeira dos fatos. (RIANI, 2002, p. 49.)

A afirmação de Riani, ancorada na perspectiva dialógica bakhtiniana, atribui ao humorista gráfico a capacidade de *reinterpretar, de modo perspicaz e irreverente* os acontecimentos históricos que nos constituem cotidianamente, *possibilitando, na*

maioria das vezes uma leitura mais ampla e verdadeira dos fatos. No caso então do nosso objeto, as charges, seguindo a asserção de Riani, seria o chargista que retoma os acontecimentos históricos e os transforma em acontecimentos discursivos, estes últimos diriam de forma *mais ampla e verdadeira* o que não poderia ser dito em outro gênero, num editorial de jornal, por exemplo. Observemos, contudo, a charge a seguir, publicada na *Folha de S. Paulo* em 12 de maio de 2001.



Numa leitura dialógica dessa charge, tal qual a proposta por Riani, é possível constatar que ela faz inicialmente alusão ao período de crise de energia elétrica pelo qual o Brasil passou em 2001. Período esse, designado pela grande mídia como Apagão. O próprio título da charge é APAGÃO e está materializado inclusive em letras brancas com um fundo preto. Num segundo momento, o chargista ao caricaturar FHC tomando de empréstimo a sua voz e este ao apresentar para uma suposta jornalista modelos alternativos de produção de energia: “Esta placa capta energia solar” e ao ser questionado por esta última: “E esta, presidente?” Ele diz: “Energia Parlamentar”, apontando para uma placa completamente tomada por maços de dinheiro, faz uma crítica aos parlamentares brasileiros pelo seu caráter facilmente subornável. Essa crítica

se constitui na retomada dos discursos que circulam na sociedade brasileira. Teríamos nessa charge do ponto de vista de Riani uma dupla (re)interpretação de acontecimentos históricos. No primeiro caso, a retomada os discursos que dizem o Apagão e no segundo, a retomada dos discursos que dizem o caráter corruptível dos parlamentares brasileiros.

Creemos ser preciso considerar, no entanto, que a charge em análise é também determinada por outro tipo de relação interdiscursiva, que não apenas aquela que possibilita *reinterpretar, de modo perspicaz e irreverente, os inúmeros discursos que nos rodeiam* e/ou os acontecimentos históricos. Trata-se na verdade da retomada de uma interdiscursividade cultural. Em outros termos, a charge em questão não está apenas determinada pelos dois acontecimentos históricos que resignifica, mas está, sobretudo, determinada por um imaginário social que torna sempre já em derrisão os políticos brasileiros.

A charge em questão não está apenas dando a ler o apagão e o caráter corruptível dos políticos brasileiros numa materialidade distinta do editorial de jornal, por exemplo, ela está dando a ler, na verdade, um dos traços da cultura brasileira, sobretudo no tocante ao humor. O que estamos asseverando é que faz parte da cultura brasileira, enquanto um traço que a distingue das demais, tornar em derrisão o outro em textos humorísticos. Desse modo, independentemente dos conteúdos que o texto humorístico veicule, este vem sempre sobredeterminado por essa marca cultural: tornar o outro em derrisão.

Se a nossa hipótese de leitura estiver certa, isto é, se a interdiscursividade cultural sobredetermina os sentidos da charge, sobretudo as charges que dão a ler os atores políticos, ela deverá dar conta também de charges veiculadas em jornais de outros

países. Para tanto, tomamos inicialmente uma charge veiculada em 2005 no jornal boliviano *La Razon*. Trata-se de uma charge com temática política semelhante à qual analisamos.



A charge em questão apresenta de um lado um suposto político boliviano num programa televisivo dizendo sobre o seu trabalho no parlamento: “*En el Parlamento estamos trabajando arduamente para resolver los problemas*” e de outro, uma mulher boliviana, supostamente uma indígena, por conta mesmo de suas vestimentas, dizendo a uma criança, provavelmente seu filho: “... *Para cómo seguir mamando del Estado*”. É possível dizer que esta charge diferentemente das charges veiculadas em jornais brasileiros e que analisamos, não se apresenta a partir de uma dupla perspectiva enunciativa: X disse Y (humoristicamente) porque pensa a partir de uma determinada formação discursiva (seriamente) Z. A charge em questão apresenta X dizendo Z porque pensa a partir de uma determinada formação discursiva Z, ou seja, que os políticos bolivianos são corruptos. Em outros termos, a charge boliviana diferentemente da charge brasileira não esconde uma significação figurada para além de um enunciado literal. Ela veicula um sentido literal. Acreditamos que essa forma de dizer da charge boliviana tenha a ver justamente com a maneira de os bolivianos se colocarem diante do mundo. Foge, entretanto, do escopo deste trabalho, uma vez que implicaria uma visada

antropológica e histórica, discutir as razões pelas quais os bolivianos seriam mais diretos do que os brasileiros.

Tomemos agora um outro texto, desta vez, uma charge que foi publicada no jornal espanhol *El País* em julho de 2009. Trata-se também de uma charge que veicula uma temática política:



Na charge acima, temos de um lado um suposto investigador que diz: “*Cuando investigamos a los terroristas nos acusan de torturas... Cuando investigamos a políticos nos acusan de filtraciones*” e de um outro, um suposto político, que replica a fala da primeira personagem dizendo: “*Un respeto. Nosotros no somos políticos. Somos estadistas!*” E de um outro lado ainda, uma voz anônima, vinda das costas do político, que afirma sarcasticamente: “*Con viento fresco del levante*”. Diferentemente das charges brasileiras e boliviana analisadas, a charge dada a circular no jornal espanhol traz uma terceira perspectiva enunciativa: a primeira é a voz do policial; a segunda é voz do político e, a terceira, possivelmente a de Sujeito Universal. Assim, teríamos X disse Y e não-Y (humorísticamente em forma de réplica) porque pensa a partir de uma

determinada formação discursiva (auto-sarcasticamente) Z. Esta última traz para a enunciação um enunciado que faz parte do imaginário social espanhol. cremos que a forma de dizer da charge espanhola materialize o auto-sarcasmo espanhol frente às coisas do mundo.

Em suma, analisando as charges veiculadas nos três países: Brasil, Bolívia e Espanha, teríamos as seguintes perspectivas discursivas:

a) Charge brasileira: “X prefere dizer Y (humoristicamente) porque pensa a partir de uma determinada formação discursiva (seriamente) Z”;

b) Charge boliviana: “X diz (seriamente) Z porque pensa a partir de uma determinada formação discursiva (seriamente) Z”;

c) Charge espanhola: “X diz (humoristicamente) Y e (também humoristicamente – em forma de réplica) diz não-Y porque pensa partir de uma determinada formação discursiva (auto-sarcasticamente) Z.

No nosso entendimento, as hipóteses levantadas sobre as marcas culturais ou da interdiscursividade cultural na sobredeterminação dos sentidos dos textos chárgicos, embora pertinentes, necessitam ainda de uma maior discussão, sobretudo no tocante às charges boliviana e espanhola. Sem uma pesquisa mais aprofundada a partir de uma ampliação do *corpus* mobilizado, seria pouco prudente de nossa parte afirmar uma espécie de generalização culturalizante das charges: brasilianismo nas charges brasileiras; bolivianismo nas charges bolivianas e hispanismo nas charges espanholas. Entretanto, tal análise aprofundada com charges de diferentes países foge do escopo da nossa proposta nesta pesquisa, fica aqui o apontamento para um trabalho futuro. A relevância deste apontamento está justamente no fato de que ao se estudar as charges se

dê importância não apenas ao estudo dos efeitos visados, como a grande maioria dos trabalhos que a tem como objeto, mas principalmente dos efeitos produzidos.

No caso das charges brasileiras analisadas, acreditamos que a interdiscursividade cultural - a derrisão do outro (político) presente no imaginário social brasileiro, historicamente construído - possui um peso decisivo na sobre-determinação dos acontecimentos discursivos dados a ler. Acreditamos que nas charges analisadas a marca cultural possui uma força grande na transformação dos atores políticos em alvo de comentários e questionamentos humorísticos, misturando as esferas pública e privada. A marca cultural se constitui em mais um dos dispositivos que regem os múltiplos planos do discurso, isto é, a sua semântica global.¹³ Ademais, do ponto de vista da Teoria do Discurso, é possível postular que os exemplos arrolados nos mostram que ao se pensar as relações que o acontecimento mantém com a memória e o esquecimento, deve-se levar em consideração não só os saberes discursivos dos sujeitos – o que sujeito lembra e o que ele esquece (como propõe Possenti, 2009) - mas também a interdiscursividade cultural.

¹³ O caráter global desta semântica se manifesta pelo fato de que ela restringe simultaneamente o conjunto dos planos discursivos: tanto o vocabulário quanto os temas tratados, intertextualidade ou as instâncias de enunciação. Trata-se, com isso, de libertar-nos de uma problemática do signo, ou mesmo da sentença, para apreender o dinamismo da significância que domina toda a discursividade: o enunciado, mas também a enunciação, e mesmo além dela, como se verá. Recusamos a idéia de que há, no interior do funcionamento discursivo, um lugar onde sua especificidade se condensaria de maneira exclusiva ou mesmo privilegiada (as palavras, as frases, os arranjos argumentativos, etc). O que leva a recolocar o princípio de sua disseminação sobre os múltiplos planos do discurso. Não há mais, então, lugar para uma oposição entre superfície e profundidade, que reservaria apenas para a profundidade o domínio de validade das restrições semânticas (MAINGUENEAU, 2005, p. 22-3)

Considerações finais

“Chegando em casa, não comecei a ler. Fingia que não o tinha, só para depois ter o susto de o ter. Horas depois abri-o, li algumas linhas maravilhosas, fechei-o de novo, fui passear pela casa, adiei ainda mais indo comer pão com manteiga, fingi que não sabia onde guardara o livro, achava-o, abria-o por alguns instantes. Criava as mais falsas dificuldades para aquela coisa clandestina que era a felicidade.”

Clarice Lispector

Nosso percurso de análise nos permitiu, em um primeiro momento, conhecer mais a respeito do gênero charge. Assim, buscamos coletar e posteriormente selecionar algumas para análise. Não trabalhamos com as análises de todas as charges coletadas por acharmos que construiríamos um trabalho demasiadamente longo e repetitivo. No entanto, as charges analisadas ou pesquisadas estão anexadas neste trabalho para que nosso leitor possa pesquisar e constatar ou mesmo refutar o que afirmamos em nossa pesquisa.

Pudemos ver em nossa pesquisa algumas concepções lingüísticas que deram subsídios para o surgimento da Análise do Discurso francesa para depois analisarmos as charges baseando-nos nesta teoria. O humor derrisório, objeto de nosso estudo por meio das charges, nos forneceu um aparato para podermos diferenciá-lo do humor “comum” de modo geral. Ao entendermos que a derrisão tem seu caráter de contestação e reivindicação por meio do humor, podemos notar que esta instaura um novo acontecimento. Nesse sentido, a derrisão se dá por meio do humor, mas não o humor comum que visa apenas a provocar o riso. Na verdade, podemos dizer que a derrisão em torno dos políticos é uma contestação, uma reivindicação na vestimenta de humor e, por contestar, protestar contra algo ou alguém, o que é dito por meios derrisórios muitas vezes passa a ser tido como expressão de uma verdade incontestável. Mercier (2001)

comenta que em uma entrevista francesa que questionava sobre o Bébête Show, programa de humor francês em torno dos políticos, 56% dos entrevistados consideraram que o programa transmite uma boa visão a respeito dos políticos. Apenas 25% disseram que os políticos são ridicularizados. Tal ocorrência serve para reforçar o poder do caráter contestatório da derrisão. Tal resultado, também corrobora a idéia de que o poder de contestação da derrisão inaugura um novo acontecimento. Assim, a imagem que temos dos políticos foi e é, em grande parte, construída por meio do humor derrisório a partir de um imaginário social historicamente construído. Acreditamos que tal humor não se dá somente nas charges, no entanto, selecionamos este recorte para abarcar nossa pesquisa pelo fato de percebermos que a charge é constituída predominantemente como uma organização textual humorística derrisória, enquanto que outros gêneros que também apresentam humor derrisório, como os jornais e telejornais não são essencialmente construídos em torno do humor derrisório.

No tocante às charges, entendemos que, ao mesmo tempo em que esta forma opiniões por meio do humor derrisório, o enunciador da charge já tem sua construção imaginária a respeito do político retratado. Trata-se de uma via de mão dupla. Ao mesmo tempo em que uma forma de pensar é apresentada, outras serão construídas, reconstruídas e/ou destruídas. Ao expor um juízo de valor ou uma opinião por meio do humor derrisório chárstico, o enunciador não tem como prever todas as repercussões e interpretações que seu trabalho irá alcançar, no entanto, imagina, pressupõe seu interlocutor baseado em alguns saberes discursivos. De antemão, o chargista já tem em mente quem é o público alvo de seu trabalho e também do jornal, bem como os saberes que interdita este público. Entretanto, apesar de o enunciador da charge já possuir alguns conhecimentos acerca de seu leitor, não se trata de um público totalmente

homogêneo, constituído pelos mesmos saberes. Desta maneira, é impossível delimitar toda a dimensão que a charge irá alcançar.

Os atores políticos retratados em nossa pesquisa, FHC e Lula, exemplificam um tipo de poder e autoridade que é vítima da derrisão, no entanto, ao longo de nosso trabalho também expomos a figura dos políticos de modo geral. Não pretendíamos demonstrar todos os poderes vítimas da derrisão, mas acreditamos ter demonstrado que são vários os poderes e autoridades que são tornados suas vítimas. Também não apresentamos aqui nessa pesquisa de mestrado os impactos sociais, culturais e políticos causados pela derrisão, mas pretendemos ser capazes de mostrar ao nosso leitor o que permite o humor derrisório circular de modo a reconstruir, reconfigurar um acontecimento histórico em um acontecimento discursivo a partir de uma interdiscursividade cultural.

Chegamos até aqui ainda nos indagando se há uma divisão real entre humor e fato noticiado. De início, houve certo incômodo por não responder tal pergunta, no entanto, podemos afirmar que essa ‘possível’ divisão realmente não é fácil de ser aplicada, uma vez que o caráter do humor derrisório é construído por meio daquilo que concebemos como “real”. Ou seja, em uma determinada circunstância, em um determinado contexto social, são evidenciados fatos que acreditamos ser de nossa ‘realidade’. São estes fatos que irão fazer parte do humor derrisório que, como já dissemos, tem caráter contestatório e, devido a isso, sempre se dará em meio a alguma circunstância tida como verídica e não apenas humorística.

O humor derrisório é um meio de contestação da realidade de um jeito menos austero e mais risível. O jeito ‘risível’ é uma arma da derrisão para triunfar a censura que nos interditaria de dizer determinadas coisas em um gênero que não fosse o humor,

no entanto, ao mesmo tempo em que a derrisão nos permite triunfar sobre o Outro, representado pelas autoridades e poderes políticos, ela também recoloca o indivíduo em lugar previamente demarcado pela sociedade, que muitas vezes está legitimado pelo não poder. Nesse sentido, estabelece-se uma dialética entre contestação e regulação. É então nesta dialética que a contestação também evidenciará uma violência simbólica verbal e/ou visual. A noção de humor, por si, sugere o ridículo. Deste modo, o medo do ridículo incita a correção de um comportamento.

Tentamos ao longo desta pesquisa, ao estudar como os políticos são tornados em derrisão no gênero discursivo charge, veiculado basicamente em jornais de grande circulação nacional, descrever-interpretar a situação de enunciação em que a derrisão aparece, a temática derrisória que as charges veiculam, os procedimentos verbais e icônicos que fazem tal temática ser dada em circulação, bem como os possíveis efeitos que tal temática poderia produzir nos leitores. Ademais, tentamos evidenciar também em que medida as charges derrisórias seriam sensíveis às variações culturais.

Acreditamos, no entanto, que muitas perguntas ficaram sem resposta nesse trabalho, como é inerente a qualquer trabalho científico. Por exemplo, como as charges (con)fundem diversos gêneros e contratos comunicacionais na sua constituição; como se dá a relação entre o texto chárgico de diferentes regiões brasileiras e a sua inserção nos interdiscursos culturais; como esses interdiscursos culturais contextualizam as charges de diferentes países, visto que no mundo globalizado de hoje, principalmente os países do ocidente mantêm bastante proximidade social e política... Resta-nos dizer, todavia, que tais questões por hora sem resposta são dificuldades a serem superadas com vistas a alcançar *essa coisa clandestina que é a felicidade*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHARD, P. *Memória e produção discursiva do sentido*. In: ACHARD, P...[et al.]. *Papel da Memória*. Tradução: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Hucitec, 1995
- _____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- BENVENISTE, E. *Problemas de Lingüística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995.
- _____. *Problemas de Lingüística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- BONNAFOUS, Simone. *Sobre o bom uso da derrisão*. In: GREGOLIN, M. R. *Mídia & política: a cultura como espetáculo*. São Carlos, SP: Claraluz Editora, 2003.
- DRIESSEN, H. *Perplexities of identification*. Oakville, CT-USA: David Brown Book CO, 2000.
- DUCROT, O. *Le dire et le dit*. Paris: Minuit, 1984.
- FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2002.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em Análise do Discurso*. Campinas, SP : Ed. Pontes, 1993.
- _____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo, SP: Cortez, 2001.
- _____. *Gênese dos Discursos*. Curitiba, PR : Criar Edições, 2005.
- MALDIDIER, D. *A inquietação do discurso*. São Paulo: Edusp, 2003.
- MERCIER, A. *Revista Hermes 29: Dérision-contestation*. Paris, CNRS Editions, 2001.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: Uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1991.

_____. *Análise automática do discurso (AAD-69)*. In: GADET, F. e HAK, T. (org.) *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*, Editora da Unicamp, 1993.

_____. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* Campinas, SP: Pontes, 1997

_____. *Papel da Memória*. In: ACHARD, P...[et al.]. *Papel da Memória*. Tradução: José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

POSSENTI, S. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo, SP: Parábola editorial, 2009.

PROPP, V. *Comicidade e riso*. São Paulo, SP: Ática, 1983.

RIANI, Camilo. *Linguagem & cartum...tá rindo do quê?* Um mergulho nos salões de humor de Piracicaba. Piracicaba: Editora Unimep, 2002.

ROMUALDO, Edson Carlos. *Charge jornalística: intertextualidade e polifonia: um estudo das charges da Folha de S. Paulo*. Maringá: Eduem, 2000.

SAUSSURE, F. *Curso de Lingüística Geral*. Tradução de Antônio Chelini; José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo, Ed. Cultrix,.

SKINNER, Q. *Hobbes e a teoria clássica do riso*. São Leopoldo, RS: UNISINOS, 2002.

Charges virtuais:

Analisando a pesquisa. Publicado em 17 de maio de 2002. Disponível em:

<http://charges.uol.com.br/2002/05/17/politica-analisando-a-pesquisa/>

Vida de ex. Publicado em 14 de julho de 2003. Disponível em:
<http://charges.uol.com.br/2003/07/14/brasil-vida-de-ex/>

O importante é vencer. Publicado em 02 de junho de 2002. Disponível em:
<http://charges.uol.com.br/2002/02/06/politica-o-importante-e-vencer/>

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos de estado*. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1985.

AMOSSY, Ruth. Tradução Dílson Ferreira da Cruz et al. *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo, SP: Contexto, 2005.

AUTHIER-REVUZ, J. *Hétérogénéité montréal et hétérogénéité constitutive: éléments pour une approche dans le discours*. In. DRLAV, 26. Paris, 1982.

_____. *Hétérogénéité énonciative*. Langages, n.º 73. Paris, Larousse, 1984.

_____. *Table ronde: sémantique et pragmatique*. LINX, n.º 19. Paris, 1988.

_____. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

AUROUX, S. *A filosofia da linguagem*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

ANSART, P. *Ideologias, conflitos e poder*. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1977.

BAUDRILLARD, J. *La société de consommation*, S.G.P.P., Paris, 1970.

BAKHTIN, M. (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. 2 ed., São Paulo: Hucitec, 1981.

_____. *Estética da criação verbal*. 2 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1992.

_____. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 3 ed. São Paulo, SP: Editora da UNESP/HUCITEC, 1993.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense-Universitária, 1997.

BELLAC, L. *The nature of slogan. Journal of abnormal and social psychology*, v.37, 1942.

BONNAFOUS, S. *Processus discursif et structures lexicales: le congrès de Metz (1979) du Parti Socialiste, Langages 71, Paris Larousse, septembre 1983.*

_____. *Destinataire et allocutaire: mise en oeuvre de deux notions de sémantique pragmatique à travers quatre discours de de Gaulle, Sémantikos, vol. 7, 1, Paris M. S. H., 1983.*

_____. *Bilan critique d'une recherche en analyse du discours, Mots 6, Paris, Presses de la FNSP, 1983.*

_____. *De l'individu à la communauté dans le discours de presse d'extrême-droite sur les immigrés et immigration, in L' Individualisme, permanence et métamorphoses, Paris, PUF, 1988.*

_____. *Racisme et non racisme: étude de presse, Mots 18, Presse de la FNSP, mai de 1989.*

_____. *La représentation des immigrés dans la presse politique française de 1974 à 1984: la sélection des données, Mentalités et représentation du Politique, Aspects de la recherche, Roubaix, EDIRES, 1989.*

_____. *Immigrés et immigration dans presse politique française de 1974 à 1984, analyse du discours, thèse d'Etat soutenue à l'Université de Paris IV, le 19 de mai 1990.*

_____. *Sobre o bom uso da derrisão. In: GREGOLIN, M. R. Mídia & política: a cultura como espetáculo. São Carlos, SP: Claraluz Editora, 2003.*

BOUQUET, S. *Introdução a leitura de Saussure. 1ª ed. São Paulo, SP: Editora Cultrix, 2000.*

BOURDIEU, P. *Fiedwork in philosophy*. In: *Coisas ditas*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1986.

_____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar. Ed., 1997.

_____. *A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. 2 ed. São Paulo, SP: Editora da USP, 1998.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. 5 ed. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 1999.

_____. *O poder simbólico*. São Paulo, SP: Editora Cultrix, 2006.

BURKE, P. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, SP: Editora da UNESP, 1992.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. as artes de fazer*. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

_____. *A invenção do cotidiano: 2. morar, cozinhar*. 2 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

_____. *A escrita da história*. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2000.

COURTINE, J. J. e MARANDIN, J. M. *Quel object pour l'analyse du discours?* Em: *Materialités Discursives*. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1981.

_____. *A arte da mentira política*. Trad. Mônica Graciela Zoppi Fontana & Roberto Leiser Baronas. Campinas, SP: Pontes, 2006.

_____. *As metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública*. Trad. Carlos Félix Piovezani Filho & Nilton Milanez, São Carlos, SP: Claraluz, 2006.

- CULIOLI, A. FAYE, J. P.; RANCIÉRE, J. e RONDINESCO, E. *Table ronde: discours histoire - langue*. In: *Materialités Discursives*. Lille, Presses Universitaires de Lille, 1981.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso político*. Trad. Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo, SP: Contexto, 2006.
- DIZARD, W. *A nova mídia: a comunicação de massa na era da informação*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editora, 2000.
- DEBORD, G. *A sociedade do espetáculo*. Lisboa. Mobilis in Mobile, 1991.
- DOMENACH, J. M. *La propagande politique*. 7 ed. P.U.F., 1973.
- DOVRING, K. *Road of propagande*. *Philosophical library inc*, Nova York, 1959
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo, SP: Martins Fontes, sd.
- _____. *A arqueologia do saber*. 4 ed. São Paulo, SP: Forense Universitária, 1995.
- _____. *A ordem do discurso*. 5 ed. Edições Loyola, 1999.
- _____. *Microfísica do poder*. 13 ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1998.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 13 ed. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 1987.
- _____. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro, RJ: Nau Editora, 1999.
- _____. *O que é um autor?* 3 ed. Lisboa: Veja, 1992.
- _____. *Em defesa da sociedade*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1999.
- _____. *Problematização do sujeito: Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1999.

_____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2000.

FONSECA-SILVA, Maria da Conceição & POSSENTI, Sírio. (Orgs). *Mídia e redes de memória*. Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, 2007.

GADET, F. & PÊCHEUX, M. *La langue introuvable*. Paris, Maspero, 1981.

_____. & HAK, T. (org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Editora da UNICAMP, 1990.

GALLIOT, M. *Essai sur la langue de la réclame contemporaine*. Privat, Toulouse, 1955.

GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1987.

_____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1989.

GUILHAUMOU, J. *La langue politique et la révolution française. Del l' événement à la raison linguistique*. Paris, Méridiens Klingcksieck, 1989.

_____. & D. MALDIDIER. Da enunciação ao acontecimento discursivo em análise do discurso. In: GUIMARÃES, E. (org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas, SP: Pontes, 1989.

_____. & D. MALDIDIER & R. ROBIN. *Discours et archive*. Paris, Mardaga, 1994.

_____. & Maldidier D. Efeitos do arquivo: a análise do discurso do lado da história. In: ORLANDI, E. P. *Gestos de leitura da história no discurso*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1994.

- GREGOLIN, M. R. V. *A Análise do Discurso: conceitos e aplicações*. In: ALFA, Revista de Lingüística da UNESP, n.º 39, 1995.
- _____. *Discurso e memória: movimentos na bruma da história*. In: Cadernos da F.F.C. (Faculdade de Filosofia e Ciências UNESP), Marília, SP: UNESP, 1997.
- _____. *Filigranas do discurso: as vozes da história*. Araraquara: FCL/ Laboratório Editorial/ UNESP; São Paulo, SP: Cultura Acadêmica Editora.
- _____. *Análise do discurso: as materialidades do sentido*. São Carlos, SP: Claraluz, 2001.
- _____. *Análise do discurso: (en)tornos do sentido*. Araraquara, SP: Laboratório Editorial FCL/UNESP (no prelo).
- _____. *Foucault e Pêcheux na análise do discurso: diálogos e duelos*. São Carlos, SP: Claraluz, 2004.
- GRUNIG, B. *Les mots de la publicité: l' architecture du slogan*. Presses du CNRS. 1990.
- HAAS, C. R. *La publicité: théorie, technique et pratique, 2 ed., Dunod, 1958*.
- _____. *Pratique de la publicité*. Dunod, 1971.
- HAROCHE, C. *Fazer dizer querer dizer*. Trad. Eni Orlandi *et al.* São Paulo; SP: Hucitec, 1992.
- HAROCHE, C., HENRY, P. & PÊCHEUX, M. *La semantique et la courpure saussurienne: langue, langage, discours*. *Langages*, n.º 24. Paris, Didier-Larousse, 1971.
- HENRY, P. *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992.

- HOUBEDINE, J-L. *Quelques questions d'aujourd'hui à propos de la phrase démocratique*. In: *Psychanalyse ey Sémiotique, Actes du colloque de Milan, 1974*.
- INDURSKY, Freda & LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. *Michel Pêcheux e a análise do discurso: uma relação de nunca acabar*. São Carlos, SP: Claraluz, 2005.
- KOMISAR, B. P. & MC CLELLAN. *The logic of slogans*. In: *Language and Concepts in Education*, Othanel Smith, Chicago, 1961.
- LE GOFF, J. *História e memória*. 4 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- LÖWY, M. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. 6 ed. São Paulo, SP: Editora Cortez, 1998.
- MACHADO, R. Por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, M. *Microfísica do poder* (Introdução). 13 ed. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1998.
- MALDIDIER, D. *Discours et idéologie: quelques bases pour une recherche*. In: *Langue Française*. Paris, n.º 5, 1972.
- _____. *L` inquiétude du discours (textes de Michel Pêcheux choisis et présentés par)*. Paris, Editions des Cendres, 1990.
- MAINGUENEAU, D. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1989.
- _____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo, SP: Cortez, 2001.
- _____. & CHARAUDEAU, Patrick. *Dicionário de análise do discurso*. Trad. Fabiana Komesu et al. São Paulo, SP: Contexto, 2003.
- _____. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírio Possenti. Curitiba, PR: Criar Edições, 2005.

- _____. Cenas da enunciação. Org. Sírio Possenti & Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva. Curitiba, PR: Criar Edições, 2006.
- MARIANI, B. S. C. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro, RJ: Revan; Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- _____. Colonização lingüística. Campinas, SP: Pontes, 2004.
- MILNER, J-C. *O amor da língua*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1987.
- NASCIMENTO, E. F. S. Produção de texto: memória e gênese. In: GREGOLIN, M. R. V. *Análise do discurso: materialidades do sentido*. São Carlos, SP: Claraluz, 2001.
- NAVARRO, Pedro. (Org.). *Estudos do texto e do discurso: mapeando conceitos e métodos*. São Carlos, SP: Claraluz, 2006.
- NOLASCO, Edgar Cezar & GUERRA, Vânia Maria Lescano. (Orgs.). *Discurso, alteridades e gêneros*. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2006.
- ORLANDI, E. P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- _____. *Análise de discurso: princípios & procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- PAVEAU, Ane-Marie & SARFATI, Georges –Elia. *As grandes teorias da lingüística : da gramática à pragmática*. São Carlos, SP: Claraluz, 2005.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.
- _____. *O discurso: estrutura ou acontecimento?* 2 ed. Campinas, SP: Pontes, 1987.
- _____. O mecanismo do (des)conhecimento ideológico. In: SIZEK, S. (org). *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 1997.

_____. & FUCHS, C. *Mises ou point et perspectives à propos de L'analyse automatique du discours*. *Langages*. v. 37. 1975.

_____. *Delimitações, inversões e deslocamentos*. In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 19, 1982.

_____. *Rôle de la mémoire*. In: P. ACHARD, M.P. (eds). *Histoire et Linguistique*, Ed. du CNRS, Paris, 1985.

POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1988.

_____. *O eu no discurso do outro: ou a subjetividade mostrada*. In: ALFA 39. São Paulo, SP: Editora da UNESP, 1995.

_____. *Ainda sobre a noção de efeito de sentido*. In: GREGOLIN, M. R.V. *Análise do discurso: materialidades do sentido*. São Carlos, SP: Claraluz, 2001.

_____. *As mal comportadas línguas*. Curitiba, PR: Criar Edições, 2000.

_____. *Slogans que se retomam*. Comunicação apresentada durante a realização do IV CELSUL, UFPR, Curitiba, PR: 2000.

_____. *Autoria, estilo e enunciação*. Comunicação apresentada durante a realização do II Congresso Internacional da ABRALIN, UFCE, Fortaleza, CE: 2001.

ROBIN, R. *História e lingüística*. São Paulo, SP: Cultrix, 1973.

ROUANET, S. P. *O homem e o discurso: a arqueologia de Michel Foucault*. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro, 1996.

REBOUL, O. *O slogan*. São Paulo, SP: Cultrix, 1975.

SARGENTINI, Vanice & NAVARRO, Pedro. *Foucault e os domínios da linguagem*. São Carlos, SP: Claraluz, 2004.

THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social-crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

TRASK, R. L. Tradução e adaptação Rodolfo Ilari. *Dicionário de Linguagem e lingüística*. São Paulo, SP: Contexto, 2004.

WARNIER, J. P. *A mundialização da cultura*. Bauru, SP: Editora da Universidade Sagrado Coração, 2000.